

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Claudia da Costa Mota

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA:
O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Porto, 2020.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Claudia da Costa Mota

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA:

O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Porto, 2020.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Claudia da Costa Mota

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA:

O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral

Assinatura: _____

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa pela Mestranda Claudia da Costa Mota como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: Educação Especial, realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Raquel Silva

RESUMO

A equoterapia é um método terapêutico que possibilita o desenvolvimento biopsicosocial de crianças, adolescentes e adultos e para este fim é necessário estratégias específicas que possibilitem o aprimoramento de habilidades. Diante disto, surge o Programa de atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem (PAEDA), que tem como objetivo o desenvolvimento de habilidades cognitivas e de consciência fonológica, utilizando metodologias e estratégias específicas, considerando sempre a habilidade a qual é importante aprimorar nas crianças e adolescentes. Desta forma, o presente estudo buscou verificar os resultados do PAEDA em crianças do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola de tempo integral, bem como comparar os resultados do PAEDA do grupo experimental com os do grupo de controle nas variáveis: desempenho escolar, consciência fonológica e habilidade cognitiva da atenção. Para este fim, participaram deste estudo, 20 crianças de ambos os sexos, 40% do sexo feminino, 60% do sexo masculino, com idades que variam de 8 a 9 anos ($M=8,40$; $DP= 0,50$). Como se trata de uma pesquisa quase experimental, de forma aleatória os sujeitos foram divididos em dois grupos. O grupo experimental 50% ($N=5$) dos sujeitos são do sexo feminino, 50% ($N=5$) masculino. Já o grupo de controle, feminino 30% ($N=3$), masculino 70% ($N=7$), equilibrando a amostra. Ambos os grupos matriculados em uma escola de Ensino Fundamental I de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Os instrumentos utilizados foram: Prova de Consciência Fonológica por Escolha de Figura; Teste de Atenção por Cancelamento; Prova de Escrita sob Ditado; Prova de Aritmética. Os dados foram organizados em um banco de dados no programa estatístico SPSS e, assim foram realizadas análises de comparação de média por meio do teste ANOVA. Os resultados indicaram diferenças de médias na consciência fonológica posteriormente as intervenções do PAEDA, porém não foi significativa estatisticamente. Os resultados encontram suporte escasso na literatura. Contudo, estudos com uma amostra maior, maior tempo de treinamento e de intervalo entre o pré e o pós-teste são necessários para verificar a generalidade de tais achados.

Palavras-chave: Equoterapia. Programa de Atendimento Equoterápico. Educação Integral. Escola de Tempo Integral. PAEDA. PAEDHA.

ABSTRACT

Equotherapy is a therapeutic method that enables the biopsychosocial development of children, adolescents and adults and for this purpose it is necessary specific strategies that enable the improvement of skills. Given this, emerges the Equotherapeutic Care Program in Learning Disorders (PAEDA), which aims to develop cognitive skills and phonological awareness using specific methodologies and strategies, always considering the skill which is important to improve in children and adolescents. Thus, the present study aimed to verify the results of PAEDA in children of the 3rd year of elementary school in a full-time school, as well as to compare the results of PAEDA of the experimental group with those of the control group in the variables: school performance, awareness. phonological and cognitive ability of attention. To this end, 20 children of both sex, 40% female, 60% male, with ages ranging from 8 to 9 years old ($M = 8.40$; $SD = 0.50$) participated in this study. As this is a quasi-experimental research, the subjects were randomly divided into two groups. The experimental group 50% ($N = 5$) of the subjects are female, 50% ($N = 5$) male. The control group, female 30% ($N = 3$), male 70% ($N = 7$), balancing the sample. Both subjects enrolled in an elementary school I in a city in the interior of the state of São Paulo. The instruments used were: Phonological Awareness by Choice of Figure; Attention Test for Cancellation; Proof of Writing under Dictation; Arithmetic test. The data were organized in a database using the SPSS statistical program and thus, mean comparison analyzes were performed using the ANOVA test. The results indicated differences of means in phonological awareness after PAEDA interventions, but it was not statistically significant. The results found scarce support in the literature. However, studies with a larger sample, longer training time and pre post-test interval are necessary to verify the generality of these findings.

Keywords: Equotherapy. Equine Care Program. Integral education. Full-time Education. PAEDA. PAEDHA.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Trabalho científico decorrente deste trabalho já apresentado publicamente

Mota CC, Silva M-RG.(2018). A Equoterapia na escola: o PAEDA como oficina inclusiva na escola de tempo integral. 1º Simpósio Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva. Escola Nova, Gávea, São Paulo, Brasil (*poster*).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, João da Costa Mota e Maria Lúcia Mota, que sempre apoiaram os meus estudos e trabalho e que tenho imensa gratidão pelo que me deram de mais precioso: a vida. Ambos, são exemplos de força e superação, com os quais aprendi a persistir e a acreditar nos meus sonhos. Aprendi que não fazemos parte da natureza e sim somos a natureza. O amor ao campo, aos animais e às pessoas vieram deles.

Dedico também, aos meus filhos Bruno Mota Babugia e João Henrique Mota Babugia, que são minhas alegrias e sempre compreenderam meu propósito de vida. Eles dividem o tempo que seria apenas deles, com o meu sonho de deixar um legado para a Equoterapia. Eu os amo com toda força do meu coração.

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos que trazem alegria e frescor aos meus fins de semana, mantendo nossa família forte e unida.

Ao meu companheiro, namorado e futuro marido, Adriano, que com sua paciência compreendeu as horas de distanciamento, com cuidados e carinho.

Pais & Filhos, família: amo vocês.

“Cercado pelos elementos que conspiram para sua ruína e por animais cuja velocidade e força superam as suas, o homem teria sido um escravo sobre a terra.

Mas, o cavalo fez dele, um rei.”

Ephrem Houël

AGRADECIMENTOS

Aos meus tios queridos, Toninho e Teresa, que Deus me deu a graça de tê-los por perto em minha jornada e as queridas tias Graça e Lena, que me acolheram e cuidando com tanto carinho durante minha estada em Portugal, país que tenho muita gratidão e alegria em realizar parte da minha trajetória.

À minha equipe do Instituto Passo a Passo, funcionários e voluntários, que foram parceiros na aplicação do PAEDA, e acreditaram neste estudo desde o seu início. Érika, Gláucia, Juliana, Rita, terapeutas e educadoras e, em especial, a Aline, que foi parceira do início ao fim, nos momentos de dúvidas e incertezas, minha fofinha. Aos nossos “meninos” dos nossos cavalos, Guilherme e Deives, equipe administrativa Priscilla, Thaís e Júnior. Às voluntárias “Thaisinha” e às parceiras de todas as horas, Stephanie Roinier e Márcia Camargo. E à voluntária e eterna professora Márcia Gama, com quem eu aprendo sobre fonoaudiologia e sobre a vida.

Ao amigo e companheiro do propósito Rogério Igel, que, por sua bondade e confiança em todo meu trabalho e da minha equipe, fez com que eu pudesse ter tranquilidade para focar num estudo importante para minha carreira e contribuir cada dia mais com as crianças e adolescentes que se beneficiam da Equoterapia.

À Prefeitura e ao Prefeito de Itatiba, Douglas Augusto Pinheiro de Oliveira, ao Secretário da Educação Anderson Wilker Sanfins, equipes do CAEPI e transporte, e em especial, à Direção e Coordenação da Escola “Maria do Carmo”, todos, sem medir esforços fizeram com que o projeto ocorresse da melhor forma possível.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Raquel Silva, que em suas aulas encantou com seu conhecimento e sua pronta disponibilidade em aceitar ser orientadora deste trabalho, tão importante para mim. Gratidão é a palavra para esta pessoa especial.

E, por fim, e como tudo começou, gratidão à minha amiga, cliente e colega de trabalho, Carla Braz, que me incentivou para esta formação.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	IV
ABSTRACT	V
TRABALHO CIENTÍFICO DECORRENTE DESTE TRABALHO.....	VI
DEDICATÓRIA.....	VII
AGRADECIMENTOS	VIII
ÍNDICE GERAL	IX
ÍNDICE DE TABELAS	X
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	XI
ÍNDICE DE ANEXOS.....	XII
ABREVIATURAS E SIGLAS.....	XIII
I.Introdução.....	1
1.1. Motivação para a realização deste estudo.....	4
1.2. Objetivos.....	5
II. Marco Teórico.....	5
2.1. Fundamentos Teóricos da Equoterapia.....	5
i. Definição.....	5
ii. Histórico.....	6
iii.Nomenclatura e os programas de Equoterapia.....	10
iv.PAEDA – Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem.....	13
2.2 Escola em Tempo Integral.....	23
i. Escola de Tempo Integral <i>versus</i> Educação integral.....	23
ii. Histórico da Escola de Tempo integral no Brasil.....	24
iii. Escola em Tempo Integral em Itatiba.....	27
iv.Oficinas Inclusivas na Escola de Tempo Integral.....	30
III. Estudo Empírico.....	33
3.1. Contextualização e participantes.....	33
i. Contextualização.....	33
ii. Participantes.....	33
3.1.2. Metodologia e estrutura da investigação.....	34
i. Instrumentos.....	35
ii. Estratégias PAEDA.....	37
iii. Tratamento Estatístico.....	43
IV. Apresentação dos Resultados.....	43
4.1. Apresentação das Análises Estatísticas.....	43
V. Discussão dos Resultados, limitações e Recomendações.....	51
VI. Conclusão.....	57
VII. Bibliografia.....	60
VIII. Anexos.....	74

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Habilidades trabalhadas no PAEDA.....	17
Tabela 2 . Organização dos ciclos de acordo com ano e idade.....	33
Tabela 3. Etapas do PAEDA.....	37
Tabela 4. Idade, tipo de deficiência, classe social e resultados no testes dos participantes (n=20), de acordo com o sexo.....	45

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Classe Social Grupo Experimental.....	43
Gráfico 2. Classe Social Grupo de Controlo.....	43
Gráfico 3. Demanda Grupo Experimental.....	44
Gráfico 4. Demanda Grupo de Controlo.....	44
Gráfico 5. Avaliação no Ditado.....	47
Gráfico 6. Reavaliação no Ditado.....	47
Gráfico 7. Avaliação em Cancelamento.....	48
Gráfico 8. Reavaliação em Cancelamento.....	48
Gráfico 9. Avaliação em Aritmética.....	49
Gráfico 10. Reavaliação em Aritmética.....	49
Gráfico 11. Avaliação na PCFF.....	50
Gráfico 12. Reavaliação na PCFF.....	50

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I. Pedido de autorização para realização da pesquisa.....	74
Anexo II. Declaração de Consentimento Informado.....	75
Anexo III. Avaliação Social.....	76
Anexo IV. Termo de Colaboração.....	78
Anexo V. Autorização do Comitê de Ética.....	79
Anexo VI. Prova de Consciência Fonológica por Escolhas de Figuras.....	80
Anexo VII. Teste de Atenção por Cancelamento.....	86
Anexo VIII. Prova de Escrita Sob Ditado (versão reduzida).....	90
Anexo IX. Prova de Aritmética.....	91

ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDE Brasil: Associação Nacional de Equoterapia

AAE: Atividades Assistidas por Equinos

ANIRE: Associação Nacional Italiana de Reabilitação Equestre

ATAC: Atividades e Terapias Assistidas por Cavalos

CAEPI: Centro de Apoio Educacional Psicossocial Inclusivo de Itatiba

CFM: Conselho Federal de Medicina

CRFa: Conselho Regional de Fonoaudiologia

Cenpec: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

EAGALA: *Equine Assisted Group a learning* . Associação para o desenvolvimento e aprendizagem assistida por equinos

ETI: Escola de Tempo Integral

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

NEE: Necessidades Educativas Especiais

NARHA: *North American Riding for the Handicapped Association*. Associação Norte Americana de Equitação para Deficientes

OSC: Organização da Sociedade Civil

PAEDA: Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem

PAEDHA: Programa de Atendimento Equoterápico no Desenvolvimento de

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Habilidades

PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação

PATH: *Professional Association of therapeutic horsemanship Internacional*

Associação Profissional de “Horsemanship” Terapêutico Internacional

PAE: Psicoterapia Assistida por Equinos

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

I. INTRODUÇÃO

No Brasil, a Equoterapia vem crescendo e evoluindo desde a fundação da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE Brasil) em 1989 (Rodrigues et al, 2015). Os primeiros estudos acerca do método recaem sobre os benefícios físicos/motores da Equoterapia para pessoas com deficiências diversas e a importância do passo do cavalo para o desenvolvimento de quem a pratica (Santos, 2012). A utilização do método e as investigações na área têm aumentado (Araújo et.al., 2018), talvez devido ao interesse de pesquisadores e também pela abertura de cursos de especialização em Equoterapia no país. Da mesma forma, tem-se verificado a importância do método para as áreas cognitiva, emocional e social, tornando a Equoterapia mais abrangente, como preconiza o método.

A Equoterapia é um método terapêutico e educacional que, por meio do cavalo, possibilita o desenvolvimento biopsicossocial do praticante (Associação Nacional de Equoterapia, 2018). O sujeito visto em sua dimensão biopsicossocial também faz parte do conceito da educação integral, que é aquela que considera a condição multidimensional do sujeito, não apenas a cognitiva, como também os aspectos físicos, afetivos e sociais (Ferreira, 2018).

No Brasil, tendo em vista o disposto no Art. 34 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 2001) na Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001 (Presidência da República, 2011) e, na Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009 (Presidência da República, 2009), o Presidente da República decretou no artigo 1º que o Programa Mais Educação tem como objetivo a melhoria da aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens da escola pública, mediante a ampliação do tempo de permanência na educação básica. Ainda no Art. 34, no primeiro parágrafo, considerou a educação básica em tempo integral a jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias, durante todo o período letivo, compreendendo o tempo total em que o aluno permanece na escola ou em atividades escolares em outros espaços educacionais (Cenpec, 2011).

Contudo, a escola de tempo integral (ETI) é um grande desafio para aquelas que aderem ao Programa Mais Educação no Brasil, no sentido de diversidade de atividades e que estas sejam promotoras de aprendizagem e inclusão escolar. As escolas muitas vezes não possuem estrutura arquitetônica para a realização de atividades diversas, nem mesmo estrutura de profissionais disponíveis e preparados para as oficinas pedagógicas para o ensino de tempo integral (Cenpec,

2006).

Conforme Soares et al. (2017, p.2), os objetivos do programa ETI são amplos:

“ (...) Essa proposta surgiu com abrangência nacional visando a indução da educação em tempo integral/educação integral no sistema escolar público brasileiro com os seguintes objetivos: estender a jornada escolar e melhor atender às necessidades de cada aluno; reduzir a reprovação e a distorção idade/série; combater o trabalho infantil, a exploração sexual e outras formas de violência; desenvolver habilidades cognitivas; promover a cultura e a prática esportiva; aproximar famílias, escola e comunidade.”

Em Itatiba, interior de São Paulo, Brasil, segundo a Lei 4845/2015 que rege sobre o Plano Municipal de Educação até 2026, em sua meta 6 (seis) visa oferecer educação em tempo integral, aumentando gradativamente ao longo do decênio (2016-2026), no mínimo 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas municipais de forma a atender pelo menos 25% (vinte e cinco por cento) dos alunos da educação básica. (Itatiba, 2015).

Em contato com o Centro de Apoio Educacional Psicossocial Inclusivo de Itatiba (CAEPI), a equipe técnica de profissionais da saúde e educação inclusiva salienta que este é um grande desafio, visto a diversidade de alunos em uma sala de ensino básico e as dificuldades de estruturas das escolas, para oferecimento de oficinas diversificadas em convergência com o conteúdo pedagógico dado em sala de aula (Soares, 2004)

Esta situação é descrita por Barbosa (*cit.in* Soares et al., 2017) sobre a precariedade da estrutura física das escolas brasileiras. E, ainda orienta que as escolas com ensino de tempo integral (ETI) busquem parcerias com instituições ou entidades, públicas ou privadas, para o desenvolvimento das atividades (Soares et al., 2017).

Outro grande desafio é a promoção da inclusão no contexto do ETI. O conceito de inclusão, inicialmente associado ao campo da educação especial, foi progressivamente estendido a outros grupos, tendo assim uma inclusão mais abrangente, que, em breve, passaria a compreender a enorme diversidade que hoje constitui o público escolar (Ainscow e Ferreira, 2003 *cit. in* Coelho 2010).

A declaração final da conferência da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), levada a efeito em junho de 1994, claramente se alarga o conceito e se afirma que as escolas deverão: ajustar a todas as crianças, independentemente das

suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluir-se crianças com deficiência ou sobredotados, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais (UNESCO, 1994, p. 6, *cit. in* Coelho 2010).

Diante destes desafios de encontrar oficinas inclusivas no ETI há como possibilidade a Equoterapia. Nos vários programas da Equoterapia, no Brasil, há o Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem (PAEDA), que propõe uma gama de estratégias para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e habilidades de consciência fonológica em crianças e adolescentes com Distúrbios de Aprendizagem (Mota, 2006).

A consciência fonológica é a habilidade de discriminar e manipular os segmentos da fala (Capovilla e Capovilla, 2002). Envolve níveis diferentes de complexidade e desenvolve-se gradualmente à medida que a criança se torna consciente de frases, palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis (Suple, 1986).

As habilidades cognitivas podem ser desenvolvidas no decorrer de toda a vida (Fourstein, 2006), dentre elas citamos a atenção, memória, percepção, pensamento, linguagem, noção de tempo e espaço (Lermontov, 2004).

De acordo com Mota (2006), o PAEDA contribui de modo significativo com o desenvolvimento de habilidades cognitivas que estão na base da aprendizagem e habilidades de consciência fonológica, conseqüentemente, melhorando o desempenho escolar de crianças com diagnóstico de Dislexia.

Em seu trabalho, Mota (2006, p.21) recomenda que as estratégias do PAEDA, sejam estendidas a outros locais e outros públicos para a validação do programa e uma possibilidade de desenvolvimento de crianças e adolescentes em idade escolar, com ou sem diagnóstico de Dislexia.

1.1. Motivação para a realização deste estudo

Durante o trabalho de orientação à professores da autora principal deste estudo foi perceptível as dificuldades enfrentadas em relação às atividades a serem oferecidas durante o período integral, visto a precariedade da estrutura física, profissionais disponíveis e preparados, bem como, a motivação das crianças para participarem de oficinas, uma vez que as atividades de costume deveriam ser feitas dentro da sala de aula ou nas dependências escolares.

Face à dificuldade acima descrita, a aceitação do trabalho foi surpreendente, uma vez que tanto a secretaria de educação do município, quanto à direção da escola e a professora responsável pela sala, demonstraram todo o apoio para a realização das oficinas inclusivas no centro de equoterapia proposto e contribuíram com toda a logística para a realização da pesquisa.

Desta forma, ao final deste estudo empírico procedemos a indicação de algumas recomendações para colaborar com a integração da escola e a comunidade, favorecendo a criação de oficinas inclusivas para a melhoria do ensino de tempo integral.

Este trabalho é o fruto de uma vivência profissional de 24 anos com crianças e adolescentes com dificuldades escolares nos mais variados contextos: institucional, escolar, clínico e equoterápico. Em 2001, quando a autora iniciou o seu trabalho com Equoterapia, observou a motivação e a melhora do desempenho escolar dos praticantes com Dislexia atendidos por meio da Equoterapia. Em 2004 iniciou seus primeiros trabalhos em grupos de um modo diferenciado, atuando com todos os recursos que o cavalo proporciona ao mediador: etologia, hipologia e os fundamentos da equitação. Esses elementos são possibilidades extraordinárias para a elaboração de estratégias no contexto equoterápico, e assim criou o PAEDA.

Desde então realizou pesquisas na temática, verificando a melhora dos praticantes com Dislexia, e resolveu aplicar o programa para crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem advindas das mais variadas situações, como déficits intelectuais, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, déficits emocionais e também crianças com oportunidades diferentes no acesso à educação de qualidade.

Além disso, sua inquietação com o sistema educacional arcaico, e muitas vezes, nada motivador para as crianças entrarem no universo da aprendizagem, foram motivos de levar a

Equoterapia como um possibilide de oficina inclusiva no contexto escolar.

Este trabalho difere dos demais referenciados na revisão de literatura, na medida em que aborda a Equoterapia em grupo e como possibilidade de oficina inclusiva na ETI. Grande parte dos estudos em Equoterapia refere-se aos benefícios para habilidades motoras.

1.2. Objetivos

O objetivo geral do estudo foi verificar a eficácia do PAEDA como oficina inclusiva no ensino de tempo integral.

Os objetivos específicos foram: aplicar e analisar os resultados do PAEDA em crianças do 3º ano do ensino fundamental de escola de tempo integral e; comparar os resultados do PAEDA do grupo experimental com os do grupo de controlo nas variáveis: desempenho escolar, consciência fonológica e habilidade cognitiva da atenção.

II. MARCO TEÓRICO

2.1. Fundamentos Teóricos da Equoterapia

i. Definição

A Equoterapia é um método terapêutico e educacional que atua com o cavalo para promoção de ganhos integrados nos aspectos físico, cognitivo, emocional e social (Mota e Alcântara, 2013, p.567).

Segundo a ANDE-Brasil, a Equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de Saúde, Educação e Equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais (ANDE, 2016, p. 09).

Walter (2013, p.07) afirma que a Equoterapia é um método terapêutico e holístico, que utiliza os recursos fornecidos pelo cavalo, que são diversos, desde atividades de manejo até montaria. O método ainda ocorre dentro de uma abordagem interdisciplinar, com profissionais

da área da saúde, educação e equitação, em atividades que envolvem montaria ou não, buscando um desenvolvimento biopossocial do indivíduo. Habilita, reabilita, previne e educa o praticante de forma geral.

A autora do PAEDA, já define a Equoterapia como um método que tem o cavalo como o facilitador da evolução humana, independente da sua condição, por meio de intervenções de um mediador preparado para compor esta relação com praticante e o cavalo. Considera o cavalo como agente facilitador de ganhos motores, emocionais, sociais, cognitivos e espirituais (Mota, 2019).

Para Gavarini (*cit. in* Freire et al., 2005) a Equoterapia, dependendo de sua patologia, pode ser considerada uma terapia principal ou complementar, pois o praticante pode ter uma reabilitação global, uma vez que o indivíduo tem acesso a uma ajuda psicológica e psicossomática, assim como a fisioterapia sobre o cavalo.

Para este mesmo autor, o cavalo produz importante participação no aspecto psíquico, uma vez que o indivíduo desenvolve e modifica, a partir do animal, suas atitudes e comportamentos.

Haehl et al. (1994, p.89) consideram que a Equoterapia pode ajudar no desenvolvimento de sinergias funcionais, pois o movimento do cavalo cria uma base dinâmica de suporte e o praticante adquire movimentos coordenados com controle de postura para manter o seu centro de gravidade sobre essa base. O praticante desta forma é ativo no seu processo de terapia.

A palavra praticante é um termo utilizado para designar a pessoa com deficiência ou com necessidade especial quando em atividade equoterápica (ANDE, 2016, p.9).

ii. Histórico

O cavalo acompanha a evolução da humanidade desde tempos remotos, em seu livro “Das Dietas” Hipócrates 377 a.C recomendava cavalgadas e práticas equestres para regeneração da saúde física e mental e tratamento da insônia (Lima, 2018, p.134).

Asclepiades da PRUSSIA, médico grego, 124 a.C, indicou a equitação para tratar a epilepsia

e vários tipos de paralisias, afirmando que os movimentos do cavalo eram indicados para pacientes epiléticos, paralíticos, apopléticos, letárgicos, frenéticos entre outros (ANDE, 2016, p.3).

Galeno, 130 199 d.C., médico e divulgador da medicina ocidental, recomendava a prática da equitação para o Imperador Marco Aurelio como forma de fazer com que ele tomasse decisões com mais rapidez, visto que seu paciente era um pouco lento para decisões (Lermontov, 2004, p. 42). Já em 1676, Thomas Sydehan, capitão da cavalaria durante a guerra civil, aconselhou a equitação como tratamento ideal para tuberculose, cólicas biliares e flatulências e emprestava seus cavalos para aqueles que não possuíam condições econômicas para cavalgar ou ter seu próprio animal. (Lermontov, 2004, p. 43).

Em 1734, teve-se a primeira referência sobre um equipamento tipo cadeira vibratória com movimentos similares aos do cavalo com finalidade reabilitativa, criada por um médico chamado Charles Castel. E, logo após, em 1747, Samuel Theodor Quelmaz de Lipsia, na Alemanha, desenvolveu uma máquina que simulava o movimento do cavalo, e em sua obra “A Saúde através da Equitação”, fez referência pela primeira vez, ao movimento tridimensional do dorso do cavalo (ANDE, 2016, p.181)

O cavalo realiza o movimento tridimensional, nos eixos látero-lateral, ântero-posterior e longitudinal, semelhante a marcha humana. Seu movimento pode até ser imitado, porém, nenhuma dessas máquinas traziam os benefícios emocionais favorecidos pelo ato de montar um cavalo. O militar italiano, Giuseppe Benvenuti, em 1772, afirmou que a equitação promove uma série de benefícios orgânicos devido ao movimento do cavalo, e também ativa uma função terapêutica mais ampla (Lermontov, 2004, p.44).

No contexto hospitalar, a história iniciou na Inglaterra, no Hospital Ortopédico de Oswentry, em 1901. Em seguida, no ano de 1917, o Hospital Universitário de Oxford funda o primeiro grupo de Equoterapia no mundo para atendimentos aos feridos da Primeira Guerra Mundial (Silva e Silva, 2017). Um fato bastante citado em literatura brasileira sobre a Equoterapia, é o caso da Dinamarquesa Liz Hartel, que foi acometida por poliomelite grave aos 16 anos, que a impedia de caminhar. Ela praticava equitação antes da doença, e continuou a praticar, participando da Olimpíadas de 1952 onde foi premiada com medalha de prata na modalidade equestre de adestramento, competindo com melhores cavaleiros do mundo, sem

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

deficiência. Em 1956, repetiu a vitória, mas agora não estava mais em cadeiras de rodas e sim caminhando com bengalas canadenses. Sua melhora motora é atribuída a prática de montar a cavalo, e isto chamou atenção da classe médica que passou se interessar pelo programa como meio terapêutico. Assim, em 1954, na Noruega, se formava a primeira equipe interdisciplinar formada por fisioterapeuta, psicólogo e instrutor de equitação (ANDE, 2018).

Em França, em 1965, a Equoterapia, era vista como uma reeducação equestre já era utilizada empiricamente, como menciona Killilea em seu livro *De Karem com amor*, onde conta a história de uma jovem deficiente reeducada com a equitação e natação, e em 1965 a equoterapia virou matéria didática e, virou trabalho científico no Centro Hospitalar Universitário em Salpêtrière, em Paris no ano de 1969 (ANDE, 2018).

No mesmo ano, nos Estados Unidos, a equitação terapêutica (*riding therapy*) para pessoas com alguma deficiência se desenvolveu como forma de recreação e como benefício terapêutico. A antiga Associação Americana de Equoterapia para deficientes *North American Riding for the Handicapped Association* (NARHA), criada por Linda McCorwan, atualmente denominada *Professional Association of Therapeutic Horsemanship* (PATH), reuniu os centros de equoterapia norte-americana e canadenses para atuar como entidade orientadoras e organizadoras dessas instituições, para que as mesmas ofereçam o tratamento nos mais altos padrões de qualidade (Ribeiro e Piantino, 2017).

Voltando à Europa, em 1976, na Itália, tiveram as primeiras iniciativas para a fundação da Associação Nacional Italiana de Reabilitação Equestre (ANIRE), oficializada em 1977. A Itália adotou a linha francesa de estabelecer normas para manter a idoneidade e qualificação de profissionais nas atividades com cavalo com finalidades terapêuticas (Anire, 2019).

No Brasil, a equoterapia começou a ser citada em 1971 pelas primeiras iniciativas da Dra. Gabriele Brigitte Walter, que teve forte influência da equoterapia normatizada na Alemanha, em 1970, pelo *Deutsches Kuratorium für Therapeutisches Reiten* (DKTHR), onde o método é aplicado de forma ampla, tanto nos âmbitos clínico e profilático, quanto no escolar (Walter, 2013).

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Em uma entrevista com a vice presidente da ANDE-Brasil (2019), Vera da Cruz, tomou-se conhecimento que a partir de 1984, foram realizadas viagens para a Europa (Itália, Inglaterra e Suíça) e estudos pelos oficiais da reserva do exército brasileiro e profissionais do cavalo, dentre eles, Tenente Coronel Lélío de Castro Cirillo e General Ary Rodolpho Carracho, que posteriormente, em 1989, fundaram a ANDE com a finalidade de reunir os centros de equoterapia do país e difundir as informações científicas da área, no país e no exterior, a fim de estimular a sua adoção por outros países, como tem ocorrido com Portugal, que está no seu 4º curso básico de equoterapia organizado por esta Associação.

A ANDE-Brasil realizou o primeiro curso de formação no Brasil em equoterapia em 1991, juntamente com o I Encontro Nacional de Equoterapia, com a presença da fisiatra, Daniele Raymonde Nicolas, (ANDE, 2016) fundadora da *Associazione Nazionale Italiana de Riabilitazione Equestre* (ANIRE) e neste país europeu, a prática é chamada de Terapia por meio do Cavalo (TMC) e também de reeducação equestre, dividindo a abordagem em 4 momentos:

“(…)- hipoterapia que tem o cavalo como instrumento cinesioterapêutico, ou seja, uma terapia para reabilitação de funções motoras, que organiza os movimentos.

- Reeducação equestre, no qual o cavalo atua como instrumento pedagógico;
- Pré-esporte, sendo um programa que o cavalo atua como realidades social.- Esporte, tendo o cavalo como promotor da inserção social, para que a pessoa com deficiência possa ter acesso a vários esportes equestres (Lermontov, 2004).

Segundo a ANDE (2016, p.10), em 1997, o Conselho Federal de Medicina (CFM, 1997) em Sessão Plenária de 9 de abril, aprovou o parecer 06/97 que diz:

“A Equoterapia tal como conceitua a Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL, é um método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar aplicada nas áreas de saúde e educação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com necessidades especiais. Somos portanto, pelo reconhecimento da Equoterapia como método a ser incorporado ao arsenal de métodos e técnicas direcionados aos programas de reabilitação de pessoas com necessidades especiais (...) Pela estratégia traçada pela ANDE-BRASIL e dentro da legislação brasileira, há necessidade de comprovação científica, feita por profissionais brasileiros, e dentro do que prescreve a resolução nº 196/96, o Conselho Nacional de Saúde, que trata das normas de pesquisa envolvendo seres humanos (...)”

Esta mesma associação, revela que, na mesma época do reconhecimento pelo CFM a Secretaria de Educação do Distrito Federal, reconhece a Equoterapia como um método educacional que favorece a alfabetização, a socialização e o desenvolvimento global dos alunos com necessidades educativas especiais.(ANDE, 2016, p.10).

Outro fato importante foi o reconhecimento da Equoterapia como recurso terapêutico da Fisioterapia e Terapia Ocupacional, em abril de 2008. (DOU nº63, seção I de 02/04/2008, p. 50). Mais recentemente, em 13 de maio de 2019, foi decretada e sancionada a lei nº 13.830 que regulamenta a prática da Equoterapia no Brasil, como método de reabilitação que utiliza o cavalo em abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação voltada ao desenvolvimento biopsicossocial do ser humano (Presidência da República, 2019).

Recentemente, no Brasil, conforme publicado na DOU de 14/05/2019, foi sancionada pelo presidente em exercício a Lei 13.830 que dispõe sobre a Equoterapia no Brasil (Presidência da República, 2019).

E, em sessão Plenária Ordinária, realizada em 25/10/19, no Conselho Regional de Fonoaudiologia (CRFa) da 2ª Região, em São Paulo, Brasil, foi aprovado o parecer que dispõe sobre a atuação do fonoaudiólogo na Equoterapia, com a colaboração da autora principal deste estudo. (CRFa, 2019).

Verifica-se portanto, a evolução e abrangência do método sendo utilizado para o desenvolvimento integral do ser humano, nos seus aspectos físicos, motores, emocionais, cognitivos e sociais.

iii. Nomenclatura e os Programas de Equoterapia

A palavra Equoterapia, é um termo brasileiro, adotado pela Associação Nacional de Equoterapia ANDE-Brasil e o termo mais utilizado internacionalmente é terapia ou atividades assistidas por equinos. No Brasil, o termo é divulgado em seu sentido mais restrito, com a indicação para pessoas com deficiências, entretanto a aplicação é muito mais ampla, como para dependência química, melhora da qualidade de vida, reabilitação nos âmbitos físico, cognitivo, emocional e trabalhos pedagógicos, (Walter, 2013).

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Apesar da afirmação acima, verifica-se que a ANDE adotou o termo Equoterapia, ampliando suas possibilidades de emprego por meio de 4 programas (ANDE, 2019), inspirada em modelos europeus:

“- Hipoterapia: voltado para as pessoas com deficiência física e/ou intelectual. Neste programa o praticante não tem condições físicas e/ou intelectuais para se manter sozinho a cavalo, portanto necessita de um auxiliar guia para o cavalo e também um auxiliar lateral para contribuir com o trabalho do mediador da sessão. O foco do trabalho é cinesioterapêutico, tendo o cavalo como promotor de ganhos físicos e sensoriais (Ande, 2019).

- Educação/Reeducação: neste programa o praticante tem condições de exercer alguma atuação sobre o cavalo e pode até conduzi-lo, dependendo em menor grau do auxiliar-guia e do auxiliar lateral. O cavalo continua propiciando benefícios pelo seu movimento tridimensional e multidirecional e o praticante passa a interagir com o animal e o meio com intensidade. O foco do trabalho passa a ser no cavalo atuando como agente pedagógico (Ande, 2019).

- Pré-esportivo: o papel do profissional de equitação é importante neste programa, pois iniciam-se pequenos exercícios de equitação com finalidade terapêutico e/ou educacional com foco na inserção ou reinserção social (Ande, 2019).

- Prática esportiva para equestre: tem como finalidade preparar a pessoa com deficiência para festivais de Equoterapia ou competições para equestres. Neste programa, a ação do profissional de equitação habilitado em Equoterapia é mais intensa; segue necessária, contudo, a orientação dos profissionais das áreas de saúde e educação. Pois, ainda buscam-se: inclusão social, prazer pelo esporte, melhoria da autoestima, qualidade de vida e autoconfiança. Este programa pode abrir caminhos para o hipismo adaptado, paralimpíadas, volteio equestre adaptado (Ande, 2019).”

Chelini e Otta (2016) mencionou os termos Equoterapia e hipoterapia aos termos de inglês *therapeutic riding*, *therapeutic horseback riding* e *hippotherapy*, para uma pesquisa em bases de dados como: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e *National Library of Medicine* (PubMed), encontrando em média 100 estudos.

Em Portugal, de acordo com o Manual de apoio à formação: técnicos de saúde e educação terapêutica, Escola Nacional de Equitação (ENE, 2010) as atividades e terapias assistidas por cavalos (ATAC), também são conhecidas por Equitação com fins terapêuticos. Segundo a ENE (2010), as ATACs, englobam três disciplinas:

“- Hipoterapia: também, como no Brasil, utilizada para a estimulação cinesioterapêutica do movimento tridimensional do cavalo, com objetivo na reabilitação funcional (Oliveira e Nunomura, 2012; ENE, 2010).

- Equitação Terapêutica: para crianças com perturbações comportamentais, incorporando a equitação psico-

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

educacional, volteio terapêutico e psicoterapia assistida por cavalos, atrelagem terapêutica e educação assistida por cavalos (ENE, 2010).

- Equitação Desportiva Adaptada: é uma modalidade desportiva direcionada para pessoas com deficiência. Pressupõe a adaptação de materiais e regras de competição com o objetivo de lazer e/ ou competição (ENE, 2010).”

Já Walter (2013), no Brasil cita algumas possibilidades, com diversas terminologias, para a participação do cavalo com finalidades terapêuticas e educativas, dentre elas:

“- Atividades assistidas por equinos (AAE), sendo um termo mundialmente utilizado e que inclui todas atividades terapêuticas ou educacionais com cavalos (Walter, 2013).

- Terapia assistida por equinos (TAE), que corresponde ao tratamento com objetivos terapêuticos;

- Hipoterapia, aqui como abordagem física, ocupacional ou fonoaudiológica que utiliza do movimento do cavalo (Walter, 2013).

- Equitação Terapêutica , sendo atividades a cavalo incluindo disciplinas de montaria tradicional ou adaptada” (Walter, 2013).

Lima (2018) dedica um capítulo de seu livro discorrendo sobre o termo brasileiro Equoterapia e os mais diversos termos utilizados no mundo, e salienta que as possibilidades de participação do equino em diferentes terapias tem aumentado consideravelmente e se aplicam a qualquer pessoa, e não somente às pessoas com deficiência.

Neste trabalho, a Equoterapia será abordada por meio do programa PAEDA e, Lima (2018, p.146-147) afirma que o PAEDA, de autoria da fonoaudióloga e psicodramatista Claudia Mota, é um programa que atua como atividade de aprendizagem, comparando o programa com a terminologia *Equine Facilitated Learning* (EFL) preconizados pela *Horses in Education and Therapy International Federation* (HETI) e pela *Professional Association o Therapeutic Horsemanship* (PATH).

Nos Estados Unidos da América , além das duas associações citadas acima, temos a *Equine Assisted Growth an Learning Association* (EAGALA) , que cita em seu manual (2015) a Psicoterapia assistida com Equinos (PAE) e a Aprendizagem assistida com Equinos (AAE), na primeira incorpora os cavalos de maneira experiencial para finalidades terapêuticas de aprendizagem e crescimento emocional e na segunda mais focada para fins de aprendizagem. E ainda, enfatizam, que apesar da similaridade dos termos utilizados, o modelo EAGALA, pode focar na psicoterapia, na aprendizagem, no desenvolvimento pessoal, trabalho com *coaching* e

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

serviços educativos. E os termos serão definidos de acordo com o perfil do cliente, as metas do serviço e o enfoque da facilitação (Eagala, 2015).

Uma das bases do modelo é o trabalho em equipe, sempre com um profissional da saúde mental e um especialista em equinos, e os atendimentos são realizados sem montaria, em solo, o que difere da Equoterapia, que possui atendimentos com ou sem montaria. O modelo Eagala é sempre orientado a soluções que o próprio cliente encontra para o seu problema ou desafio e possui um código de ética bastante estruturado (Eagala, 2015).

Muitos termos são utilizados para tratar sobre a participação dos animais em terapias, o que mostra a diversidade de práticas mas dificulta a uniformização dos termos (Hausberger, 2011 *cit, in.* Lima, 2018).

iv. PAEDA- Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem

O PAEDA é descrito como um Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem. É um programa especial da Equoterapia que sugere uma filosofia e estratégias para o trabalho com as habilidades cognitivas que estão na base da aprendizagem e também um trabalho com as habilidades específicas da leitura e escrita, que trataremos neste estudo como consciência fonológica (Mota, 2019).

O PAEDA fornece estratégias terapêuticas, tendo o cavalo como co-terapeuta para desenvolver habilidades básicas e competências necessárias à alfabetização, que se encontram em defasagem nas crianças com Distúrbios de Aprendizagem. Os objetivos do programa são, no geral, melhorar a qualidade de vida de crianças e adolescentes com Distúrbios de Aprendizagem através da Equoterapia, e no específico, trabalhar as habilidades cognitivas que estão na base da aprendizagem, trabalhar as habilidades específicas da leitura e escrita (consciência fonológica) que conseqüentemente melhoram o processamento auditivo central, bem como trabalhar aspectos psicomotores e de inteligência emocional (Mota, 2019).

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

No início, o programa foi desenvolvido para ser aplicado em crianças e adolescentes com Distúrbio de Aprendizagem, mais especificamente, diagnosticados com Dislexia. Entretanto, no decorrer do tempo, foi mostrando seus resultados para outros públicos, tais como Transtorno do Desenvolvimento Intelectual, Transtornos do Déficit de Atenção e Hiperatividade, problemas comportamentais e emocionais.

O Distúrbio de Aprendizagem pode ser suspeitado na criança que apresenta algumas características, tais como: inteligência normal, ausência de alterações motoras ou sensoriais, bom ajuste emocional, nível socioeconômico e cultural aceitável (Relvas, 2008).

De acordo com a definição estabelecida em 1981 pelo Comitê Nacional de Dificuldades de Aprendizagem nos Estados Unidos da América, o Transtorno ou Distúrbio de Aprendizagem refere-se a um grupo heterogêneo de alterações manifestas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio e habilidades matemáticas. Estas alterações são intrínsecas ao indivíduo e presumivelmente devidas à disfunção do sistema nervoso central. Apesar do Distúrbio de Aprendizagem poder ocorrer em comorbidade com alterações sensoriais e problemas emocionais, como também com influências ambientais, como por exemplo, a instrução escolar insuficiente ou inadequada, não é resultado direto dessas condições ou influências (Collares e Moysés, 1992).

A perspectiva então, na criação do PAEDA, foi atuar com crianças com ritmos de desenvolvimento atípicos, crianças que tinham inteligência normal, visão e audição adequadas, motricidade funcional e comportamento socioemocional ajustado, mas possuíam uma discrepância entre o seu potencial e seu nível de realização escolar (Fonseca, 2012).

Para Fonseca (2012) o processo de aprendizagem envolve a necessidade de uma integração sensorial ao nível do sistema nervoso central onde ocorre a organização, armazenamento e respostas e reações motoras com movimentos integrados, belos e harmoniosos que refletem a integração dos sentidos. Esse mesmo autor, relata que cérebro e motricidade estão em constante interação desde o nascimento até a morte, assim a função da motricidade se torna o meio pelo qual a inteligência se organiza e se manifesta.

Steven e Blakemore (2004), relatam que uma atividade motora combinada com atenção visual, provoca uma ativação cortical mais intensa do que exercícios isolados. Enquanto

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Shumway-Cook e Woollacott, 2001 afirmam também que quanto mais intensa e prolongada a exposição à experiência de movimento, mais eficiente é o aprendizado motor e mais centros, tais como o motor, sensorial e afetivo, mais eficiente é a neuroplasticidade para o aprendizado (Butler, 2000).

Podemos verificar que a Equoterapia no programa PAEDA, parte sempre de atividades que envolvem experiências de movimentos e todas atividades possibilitam a estimulação multissensorial, promovendo organização e movimento de corpo que são combinados com outras atividades de tato, percepção, linguagem e estruturação do pensamento (Mota, 2006).

Para Mota (2019), no processo de construção o PAEDA, a primeira etapa foi a descrição de algumas premissas básicas, a seguir:

“(...) oferecer estratégias equoterápicas específicas para o desenvolvimento de habilidades da base da aprendizagem;

- trabalhar com estratégias que enfatizam a relação do homem com o cavalo e não os jogos ou estratégias que utilizam brinquedos;

- favorecer o contato e a experiencição como formas de aprendizagem dando ao praticante a oportunidade de uma aprendizagem ativa;

- favorecer a transferência e a generalização da aprendizagem ocorrida na equoterapia para os contextos escolar, familiar e social, e

- trabalhar com o conceito de metacognição, que é uma capacidade individual de automonitoramento em tarefas cognitivas.”

Valle et.al. (2014), cita que uma fonoaudióloga de Itatiba, interior de São Paulo foi criadora do PAEDA como uma das atuações para os fonoaudiólogos que atuam na Equoterapia. Em essência, o programa foi criado para que todos os profissionais da área equoterápica possam utilizar, por isso há um curso oferecido, de 8 dias para a capacitação no programa, tendo como critério de participação a formação do Curso Básico de Equoterapia. A capacitação para atuação com o programa é dividida em 5 dias no primeiro módulo e mais 3 dias no segundo módulo, que é realizado após 6 meses, no mínimo, de atuação no programa. Este curso de capacitação no Programa é apoiado pela ANDE-Brasil desde 2007, e até o momento foram capacitadas 11 turmas (Passo a Passo, 2019)

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

O PAEDA foi citado pela primeira vez no Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia (2005), como sendo um programa que fornece estratégias na Equoterapia para desenvolver competências e habilidades que estão na base da aprendizagem escolar, não se tratando de um programa com receitas prontas, mas uma forma de o profissional ter o cavalo como agente principal da terapia e promotor de ganhos psicomotores e cognitivos, fazendo o profissional sempre refletir sobre os objetivos a serem atingidos em cada sessão.

Baccarin e Mota (2006) citam o PAEDA, em uma atividade de manejo (um dos contextos do programa) durante o atendimento equoterápico e enfatizam os benefícios cognitivos para pessoas com comprometimentos emocionais e/ou de aprendizagem. E ainda citam a Equoterapia como um método terapêutico e educacional, para crianças e adolescentes com Distúrbio de Aprendizagem.

O Distúrbio de Aprendizagem, raramente é encontrado de forma isolada. As dificuldades severas para ler e escrever corretamente encontram-se associadas a distúrbios de memória, atenção, imagem corporal, aspecto motor, orientação espacial, temporal e lateralidade (Johnson e Myklebust, 1983), além da alteração da consciência fonológica e processamento auditivo central (Capovilla e Capovilla, 2002).

A consciência fonológica é a habilidade de discriminar e manipular os segmentos da fala (Capovilla e Capovilla, 2002). Envolve níveis diferentes de complexidade e desenvolve-se gradualmente à medida que a criança se torna consciente de frases, palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis (Supple, 1986).

Apesar de evidências científicas sobre a importância do treinamento da consciência fonológica para a alfabetização, tal prática não tem sido rotineiramente integrada na educação, em especial, no período mais importante para o letramento, ou seja, na educação infantil e nos anos iniciais. (Layton e Deeny, 2004)

O processamento auditivo é um conjunto de habilidades cognitivas específicas das quais o indivíduo depende para interpretar o que ouve. Tais habilidades são mediadas pelos centros auditivos localizados no tronco encefálico e no cérebro (Alvarez et al., 2000).

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Apesar da escassez de literatura, sabe-se que o processamento auditivo e a consciência fonológica estão intimamente ligados, pois a integridade dos mecanismos fisiológicos da audição é necessária para a percepção da fala e pré requisito na aquisição da leitura e escrita, ou seja, variáveis relevantes para o bom desempenho escolar (Quintas et al., 2010).

As habilidades cognitivas podem ser desenvolvidas no decorrer de toda a vida (Feurstein, 2006), dentre elas citamos a atenção, memória, percepção, pensamento, linguagem, noção de tempo e espaço (Lermontov, 2004).

As habilidades e competências que são citadas como proposta do PAEDA são: percepção, em especial auditiva e visual, atenção, memória, pensamento, linguagem, estruturação espacial e temporal, outros aspectos da psicomotricidade e inteligência emocional (Mota, 2019).

Tabela 1. Habilidades trabalhadas no PAEDA

	Constructo	Definição	Autor
Habilidades Cognitivas	Percepção	Percepção é o conjunto de processos pelos quais há o reconhecimento, a organização e a compreensão das sensações que recebemos dos estímulos ambientais. As informações sensoriais disponíveis criam representações mentais de objetos, propriedades e relações espaciais dos ambientes.	Sternberg, 2008.
	Atenção	É um processo que dá suporte neurobiológico para a aprendizagem, desde a concentração à vigilância, que direciona, seleciona, alerta, delibera e contempla um estímulo percebido.	Abernethy, 1993
	Memória	É uma função do sistema nervoso central, muito importante para os processos de aprendizagem, que consta, basicamente de três fases: aquisição, formação e consolidação e evocação. A memória pode ser visual, auditiva, somestésica, cinestésica, olfativa, emocional, dentre outras.	Riesgo, 2006
	Pensamento	Habilidade cognitiva com base no raciocínio, que avalia, considera opções e analisa de acordo com ritérios específicos, tirando conclusões e fazendo julgamentos.	Mecca et al., 2016
	Linguagem	É a capacidade humana de expressão e recepção de idéias, sentimentos e emoções, através de símbolos, gestuais, orais ou escritos.	Pedroso e Rotta, 2006

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Habilidades específicas de leitura e escrita	Consciência fonológica	É uma competência metalinguística que favorece o acesso voluntário ao nível fonológico da linguagem falada e a manipulação cognitiva e mental das palavras. Trabalha a rima e aliterção, consciência silábica, e consciência de fonemas, que é a unidade mínima sonora.	Santos, 2007. Vieira, 2005.
Habilidades Psicomotoras	Esquema Corporal	No esquema corporal, a ritmicidade dos movimentos se desdobra de movimento em praxias, de agitação em ação. O movimento corporal aleatório passa a ser intencionado, ou seja, há um sujeito que deseja nas ações, e seus movimentos se direcionam aos objetos desejados no espaço.	Jerusalinsky, 2004 Cit.in Paim e Kruel, 2011
	Imagem Corporal	É a apropriação da imagem do corpo como sua, ou seja, a criança identifica seu corpo como seu próprio Eu.	Le Boulch, 2000.
	Coordenação Motora	Capacidade de realizar movimentos intencionais, coordenados com finalidades preestabelecidas, envolvendo o corpo como um todo e envolvendo multiplas funções cerebrais, tais como o planejamento, a memória, a tomada de informações sobre o estado atual do ambiente e do corpo e a imaginação de soluções para atingir os objetivos.	Filho, 2010.
	Estruturação Espacial	Toda a informação do espaço é interpretada pelo corpo e assim estima-se a quantidade de movimento para explorar um espaço, uma distância percorrida ou a percorrer para alcançar um objeto. É um conceito desenvolvido no SNC, por meio de atividades neuromotoras, tônico-motoras, sensório-motoas, erceptivo-motoras e psicomotoras.	Fonseca, 2012
	Orientação Temporal	Percepção da sucessão da unidade de tempo e compreende a recepção, a memorização e a reprodução de ritmos. Junto com a estruturação espacial, se tornam fundamentos psicomotores básicos da aprendizagem e da função cognitiva.	Fonseca, 2012
	Lateralização e dominância lateral	A lateralização é a capacidade de integração sensório motora dos dois lados do corpo que vai se especializando por meio da maturação do SNC e resulta na escolha de um dos lados do corpo como dominante para atividades motoras e de linguagem.	Fonseca, 2012
Inteligência Emocional	Inteligência interpessoal Intrapessoal	Capacidade de processar informações emocionais próprias e de outros e usá-las de maneira adaptativa.	Santos et al, 2018
	Criatividade	Constructo cognitivo expresso por um processo de produzir algo original e de valor, que envolve histórias, expressões artísticas, dança, pensamentos revolucionários, soluções de problemas por meio de flexibilidade de pensamento, entre outros.	Sternberg, 2008.

A autora supra citada, considera a aprendizagem escolar como um processo complexo que envolve vários sistemas e habilidades, e que um determinado fator não seja o único responsável pela dificuldade para aprender, sendo importante na construção do conhecimento a integração de fatos cotidianos, habilidades cognitivas, emocionais, sociais e motoras.

Crianças com dificuldades de aprendizagem possuem algumas características comuns, como relata Araujo e Cuzzo (2003) que verificaram em sua prática que este público possuía alterações e dificuldades de percepção, dificuldades na habilidade manual, alterações na escrita, na tonicidade e postura para atividades de escrita, bem como problemas na estruturação espacial e na vivência com o tempo, baixa capacidade criativa e de tolerância a frustração, dificuldades em controlar seu comportamento nas atividades que precisam esperar pela vez e conter a agressividade.

Mota (2007) apresenta um estudo com 15 sujeitos entre 07 e 12 anos, com diagnóstico de Dislexia, no qual se submeteram a 24 sessões de equoterapia com frequência semanal, em duplas e grupos, com duração de 1 hora cada sessão. A pesquisa envolveu avaliações fonoaudiológica, psicológica por meio de testes de atenção, estruturação da linguagem oral e memória, além de um questionário enviado para as famílias dos praticantes e professores. Neste estudo, o PAEDA foi eficaz, desenvolvendo as habilidades supra citadas, com mudanças estatisticamente significativas no pós teste e percebidas pelos professores e familiares como um programa que contribuiu com a evolução dos praticantes nos contextos escolar e familiar.

Mota et.al. (2011), relata que o fonoaudiólogo, como profissional integrante de uma equipe de equoterapia, avalia e realiza intervenções para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e habilidades de consciência fonológica, para o desenvolvimento da leitura e escrita de crianças e adolescentes com distúrbio de aprendizagem.

Em 2012, no *Congress of Therapeutic Horse Riding*, em Atenas na Grécia, a autora apresenta um estudo com 20 crianças e adolescentes entre 8 e 13 anos com diagnóstico de Distúrbio de Aprendizagem (Dislexia), comparando os resultados do subteste de informação do Wisc III (Wechsler e Schelini, 2006) que avalia a habilidade cognitiva de memória, o teste de desempenho escolar, um instrumento psicométrico que busca oferecer de forma objetiva uma avaliação das capacidades fundamentais para o desempenho escolar, mais especificamente da

escrita, aritmética e leitura (Stein, 1994), Consciência fonológica instrumento de avaliação sequencial (CONFIAS), um instrumento que avalia a consciência fonológica, que é a capacidade de segmentar de modo consciente as palavras em suas menores unidades, em sílabas e em fonemas (Moojen, 2003) e o subteste do Exame de Processamento Auditivo Central, *Staggered Spondaic Word* (SSW), que fornece uma análise quantitativa do teste de escuta dicótica de dissílabos alternados nas duas orelhas, avaliando as habilidades auditivas de figura-fundo para sons verbais e por meio da análise qualitativa avalia-se a habilidade de ordenação temporal de sons, entre outras (Araújo, et al., 2005).

O grupo foi dividido em grupo experimental e grupo controle, e os resultados comparados antes e depois de 24 sessões de Equoterapia no Programa PAEDA, com duração de duas horas e frequência de duas vezes na semana (Mota, 2012). As estratégias eram divididas em aquecimento, execução da atividade e compartilhamento. As estratégias do PAEDA foram construídas tendo como base os princípios das modalidades equestres, salto, adestramento, volteio, equitação de trabalho, atividades de manejo e encilhamento. Os resultados demonstraram modificações com significância estatística para o Processamento Auditivo Central, Consciência Fonológica, habilidades de leitura, escrita e aritmética, porém, para a habilidade cognitiva da memória, apesar da melhora maior no grupo experimental, os resultados não demonstraram significância, sendo aconselhado pela autora um aumento de número de sessões para modificabilidade de habilidades cognitivas. A autora também sugere novas aplicações do PAEDA com ênfase em outras habilidades cognitivas que não foram testadas neste trabalho (Mota, 2012).

As estratégias do PAEDA podem ocorrer com os cavalos em vários contextos: em liberdade, no redondel ou nos piquetes, em condução terapêutica, no manejo, encilhamento e montaria, com ou sem autonomia (Mota, 2019).

Entende-se por cavalo em liberdade, um cavalo solto em um espaço redondo, chamado redondel, em interação com uma pessoa ou um grupo, ou também, em um espaço de socialização fechado por cercas. De acordo com Van De Dierendonck (2012) *cit.in.* Knaapen (2016), a linguagem corporal do cavalo é altamente desenvolvida, reagindo aos sons, estímulos visuais, de odor e aos receptores da pele, e em relação com o sujeito, usamos esta capacidade que o cavalo tem de perceber pequenas mudanças no comportamento do participante, como também

a projeção que o participante faz das interações com os cavalos, para realizar estratégias terapêuticas.

As atividades de manejo, como relata Pires (2018), mostram que a escovação do cavalo é um recurso terapêutico, que pode ser realizado com diferentes escovas e em diferentes partes do cavalo com diversos objetivos terapêuticos. Além da escovação, atividades como alimentação é utilizada por Mota (2019) para o trabalho com aspectos psicomotores importantes para o desenvolvimento da linguagem e aprendizagem.

Hesse e Walter (2006) incluem as atividades de cuidados básicos de alimentação, limpeza e encilhamento, como atividades de manejo que estimulam desde a aproximação até processos mais complexos de trabalho que podem auxiliar os praticantes superarem medos e desenvolverem novas capacidades e aprendizagens.

Entende-se por encilhamento o ato de colocar os equipamentos para que ocorra a montaria, e tal atividade, exige o contato direto com o cavalo e o trabalho com sequências lógicas, permitindo a observação das reações de cada animal, como também o enfrentamento do medo, o trabalho com a coordenação motora fina, entre outros (Hesse e Walter 2006).

Mota (2006) também descreve uma atividade de encilhamento para trabalhar a atenção e a expansão do vocabulário, além de todas as possibilidades descritas acima.

O trabalho de condução terapêutica preconizada como um dos contextos do programa, é citado por Dewkett et.al. (2016), como *Equine handling program*, desenvolvido para aumentar o conhecimento do praticante sobre atividades a pé, ou melhor, não montadas, ensinando diversas formas de interagir e de se conduzir um cavalo, melhorando sua linguagem não verbal, equilíbrio, coordenação e seu conceito de causa e efeito.

Hortale e Costa (2006) citam que o trabalho com o ritmo, a orientação espacial, a tomada de decisão e atenção são aspectos trabalhados durante a condução terapêutica, que é o ato de conduzir o cavalo à mão, do solo. E que também o condutor, nesta atividade em a oportunidade de assumir uma liderança.

A condução terapêutica também pode ser realizada ao lado do animal, com uma guia curta, mais distante ou em círculos, o que exigem mais habilidade, e também com rédeas longas, atrás do cavalo, sendo esta uma das maneiras mais difíceis (Lima, 2018).

Por fim, no contexto da montaria, que pode ser sem autonomia, ou seja, com um condutor conduzindo um cavalo de modo próximo ou distante ou com autonomia, quando o próprio praticante conduz seu cavalo (Mota, 2006).

Na montaria sem autonomia, além da condução próxima com guia curta, temos a possibilidade do volteio, que na disciplina equestre (competição) é realizado ao galope (Lima, 2018), porém, para fins terapêuticos e educacionais, pode ser utilizado, ao passo, ao trote e ao galope (Walter, 2013). O volteio proporciona o trabalho em grupo e várias posturas sobre o dorso do cavalo, como se fosse uma ginástica acrobática, trabalhando ritmo, harmonia do movimento do praticante com o cavalo, equilíbrio, e todas as habilidades propostas no PAEDA (Mota, 2006).

Na montaria com autonomia, o praticante pode preparar o seu percurso e conduzir o seu cavalo de acordo com a atividade proposta, que poderá ter como referência as modalidades da equitação: salto, adestramento, equitação de trabalho, dentre outras (Mota, 2018).

Além dos contextos que ocorrem as estratégias, outro aspecto importante do programa é favorecer um ambiente que favoreça a auto-aprendizagem e o praticante seja protagonista de seu desenvolvimento, aprendendo a aprender (Baqués, 2004).

Para isso, as sessões em grupo ocorrem no tempo de uma hora para duplas, e, no mínimo, uma hora e 30 minutos para grupos, e são divididas em: aquecimento, execução da atividade e compartilhamento (Moreno, 1997).

A fase do aquecimento, o tema que será trabalhado na sessão é abordado e verificado o nível de conhecimento sobre o mesmo e inferências dos praticantes, como também a atividade pode ser planejada pelos praticantes (Mota, 2018).

Na fase de execução, é realizado aquilo que foi planejado na fase anterior, permitindo o erro, caso este não incorra em riscos para os praticantes. Para Barrios (2002), os erros são fontes inesgotáveis da aprendizagem, portanto, o erro no PAEDA é um instrumento didático, como forma dos praticantes, se perceberem e avançarem no processo de aprendizagem.

Na fase do compartilhamento, é o momento dos comentários sobre a atividade que foi concluída e das repercussões emocionais e aprendizagens (Bustos,1979).

Segundo Aguiar e Tassinari (1999), também é a fase do processamento, que se orienta numa linha mais descritiva do que aconteceu, reflexiva e explicativa.

O PAEDA é citado por Silva (2014) que relata sobre os discursos que permeiam a Equoterapia trazendo tratamentos a partir de estratégias do PAEDA, para trabalhar com crianças que apresentam, distúrbios de aprendizagem. Sugerindo também uma reflexão sobre os discursos escolares e possibilidade da Equoterapia ser um espaço pedagógico .

2.2. Escola de Tempo Integral

i. Escola de tempo integral *versus* Educação integral

É importante distinguir e também associar, os conceitos de Educação Integral, conforme exposto por Cavaliere (2010), e a ETI considerado por Moll (2012). A Educação integral abarca as muitas dimensões da formação dos indivíduos. Quando falamos da educação integral associada à educação não-intencional, fala-se de processos de socialização e de formação amplos, que podem ser praticados por todas as sociedades, dependendo dos seus atores e ações. Quando se refere a educação escolar, o sentido é de religação entre a ação intencional da escola e a vida no seu sentido amplo (Cavaliere, 2010).

Já a ETI, em sentido restrito, refere-se ao tempo de permanência dos estudantes que se amplia além do turno escolar. Em sentido amplo, no ETI está contemplada a educação integral, trazendo a importância da educação no campo cognitivo, estético, ético, lúdico, físico-motor, espiritual e social (Moll, 2010).

Tavares (2009) relata que a educação integral tem que ser compreendida como uma estratégia de formação integral do ser humano, que coloca em destaque o papel que tem a educação no seu desenvolvimento integral. Isto é, a educação integral considera o sujeito em sua condição multidimensional e se desenvolve a partir desta compreensão. Seu objetivo, portanto, é o de formar e desenvolver o ser humano de maneira integral e não apenas propiciar-lhe o acúmulo informacional.

Portanto, a educação integral em tempo integral, será o resultado dessas condições de partida e daquilo que for criado e construído em cada escola, em cada rede de ensino, com a participação dos educadores, educandos e das comunidades que podem e devem contribuir para ampliar os tempos e os espaços de formação de nossas crianças, adolescentes e jovens na perspectiva de que o acesso à educação pública seja complementado pelos processos de permanência e aprendizagem (Brasil, 2009, p. 6).

ii. Histórico da Escola de Tempo integral no Brasil

Num contexto histórico, a educação de tempo integral encontra suas raízes no final do século XVIII e início do século XIX, em diversas experiências na Europa (Cenpec, 2011). No geral, todas as experiências partem de uma preocupação com a formação humana ampla, para formar as novas gerações com uma conexão entre o mundo das idéias e o mundo da ação, aproximando também e ressignificando a relação entre o trabalho intelectual e o manual, de modo que os sujeitos ligados ao trabalho manual não sejam dominados pelos que se ligam ao intelectual (Moraes, 2009).

Cavaliere (2010), relata que a concepção de Educação Integral se desenvolve, passando obrigatoriamente pelo estudo do pensamento educacional das décadas de 20 e 30 do século XX e que Anísio Teixeira com suas iniciativas, cria um contraponto a uma visão muito limitada da educação escolar.

Anísio Spínola Teixeira, educador e idealizador de uma nova escola, pública e integral para todos, pôs em discussão a reconstrução da educação, como uma organização de um sistema escolar único, laico, público e sem distinção de classes, para que cada indivíduo tivesse a

oportunidade de se desenvolver integralmente (Nunes, 2000).

Na época que atuou com Diretor de Instrução Pública do então Distrito Federal, de 1931 a 1935, Anísio Teixeira fez a implantação de cinco escolas experimentais no Rio de Janeiro para servirem de laboratório para seus novos métodos de ensino e para estudar e reestudar continuamente os processos de ensino e aprendizagem (Branco, 2012).

Na Bahia, em 1947, quando assumiu o cargo de Secretário Estadual de Educação, Anísio Teixeira implantou na periferia de Salvador, um modelo pioneiro de escola que ele denominou de Tempo Integral, para que fosse um programa completo de leitura, escrita, aritmética, ciências físicas e sociais, artes industriais, desenho, música, dança e educação física, e também desejava que a escola formasse hábitos, atitudes, cultivasse aspirações e promovesse saúde e alimento para as crianças (Eboli, 1983).

Esse modelo educacional deixado por Anísio Teixeira era composto por 4 Escolas-Classe e um complexo da Escola Parque. A primeira, praticava os conteúdos tradicionais, e a segunda oferecia almoço e atividades culturais, artísticas, esportivas, sociais e de iniciação ao trabalho, e também atendimentos médico e odontológico (Branco 2012).

Em suma, Anísio teve grande contribuição à educação defendendo a educação comum a todas as crianças pelo maior tempo possível e a ampliação de facilidades educativas para os alunos talentosos, a variedade e flexibilidade do sistema educativo para atender às diferenças de capacidade e interesses (Nunes, 2000).

Apesar deste importante movimento de transformação educacional, a necessidade de ter mais oferta de vagas nas escolas para cerca de 50% da população em idade escolar que não tinha acesso ao sistema de ensino público, fez com que, no final dos anos 50, os governos optassem por ofertar dois ou três turnos diários por escola. Fazendo, portanto, que a ampliação da jornada escolar e do currículo mais completo caísse no esquecimento dos governantes (Branco, 2012).

Nos anos 80 do século XX, o ideário de Anísio Teixeira de escola em Tempo Integral que oferecesse a oportunidade de desenvolvimento integral é retomado por Darcy Ribeiro, na cidade do Rio de Janeiro, com a construção dos Centros Integrados de Educação Pública (CIPEs) (Moll

et al., 2016).

A partir dos anos 90 do século XX vão aparecendo pelo Brasil experiências de Tempo Integral e outras de Educação Integral inspiradas no ideário de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. São em sua maioria experiências organizadas pelos municípios e não seguindo um projeto político mais amplo, continuado e de governo. (Moll et al., 2016).

A Constituição Federal do Brasil de 1988, no Art. 205, refere que:

“(...) Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).”

Da mesma forma, o Estatuto da Criança e do Adolescente no Art. 53 refere:

“(...) Art. 53. A criança e o adolescente têm o direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação ao trabalho [...] (Brasil, 2019).”

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, do primeiro ao nono ano, logada em 2010, no título “A educação em escola de tempo integral”, Art. 37:

“(...) Art. 37. A proposta educacional da escola de tempo integral promoverá a ampliação de tempos, espaços e oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar e cuidar entre os profissionais da escola e de outras áreas, as famílias e outros atores sociais, sob a coordenação da escola e de seus professores, visando alcançar a melhoria da qualidade da aprendizagem e da convivência social e diminuir as diferenças de acesso ao conhecimento e aos bens culturais, em especial entre as populações socialmente mais vulneráveis (Brasil, 2010, p. 10).”

No Brasil, tendo em vista o disposto no Art. 34 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que faz alusões à escola de tempo integral”:

“(...) Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola [...]. § 2º. O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino. “

Como a Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, do Plano Nacional de Educação I, que retoma e valoriza a Educação integral e em tempo integral (Brasil, 2001) e em sua meta 21, visa ampliar progressivamente a jornada escolar objetivando a escola de tempo integral, que abranja um período de pelo menos sete horas diárias, com previsão de professores e funcionários em número suficiente (Militão e Kiill, 2015).

O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial 17/2007 e pelo Decreto Presidencial 7083/2010, integra ações do Plano de Desenvolvimento da Educação-PDE, como estratégia do Governo Federal para ampliação da jornada escolar, na perspectiva da educação integral e tem como objetivo a melhoria da aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens da escola pública (Cenpec, 2011).

Já, no Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014, tem-se uma importante meta:

“(…) Meta 6: oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos(as) alunos(as) da educação básica. Estratégias: 6.1) promover, com o apoio da União, a oferta de educação básica pública em tempo integral, por meio de atividades de acompanhamento pedagógico e multidisciplinares, inclusive culturais e esportivas, de forma que o tempo de permanência dos(as) alunos(as) na escola, ou sob sua responsabilidade, passe a ser igual ou superior a 7 (sete) horas diárias durante todo o ano letivo, com a ampliação progressiva da jornada de professores em uma única escola (Brasil, 2014).”

iii. Escola de Tempo Integral em Itatiba

Em consonância com o Plano Nacional, em Itatiba, interior de São Paulo, Brasil, segundo a Lei 4845/2015 que rege sobre o Plano Municipal de Educação até 2026, também em sua meta 6 (seis), visa oferecer educação em tempo integral, aumentando gradativamente ao longo do decênio (2016-2026), no mínimo 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas municipais de forma a atender pelo menos 25% (vinte e cinco por cento) dos alunos da educação básica. (Itatiba, 2015).

De acordo com Soares et al., (2017) a escola de tempo integral (ETI) é um grande desafio

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

para aquelas que aderem ao Programa Mais Educação no Brasil, no sentido de diversidade de atividades e que estas sejam promotoras de aprendizagem e inclusão escolar.

Conforme Soares et al., (2017, p.2), os objetivos deste programa são amplos:

“(...) Essa proposta surgiu com abrangência nacional visando a indução da educação em tempo integral/educação integral no sistema escolar público brasileiro com os seguintes objetivos: estender a jornada escolar e melhor atender às necessidades de cada aluno; reduzir a reprovação e a distorção idade/série; combater o trabalho infantil, a exploração sexual e outras formas de violência; desenvolver habilidades cognitivas; promover a cultura e a prática esportiva; aproximar famílias, escola e comunidade.”

Em contato com o Centro de Apoio Educacional Psicossocial Inclusivo de Itatiba (CAEPI), a equipe técnica salienta que este é um grande desafio, visto a diversidade de alunos em uma sala de ensino básico e as dificuldades de estruturas das escolas para oferecimento de oficinas diversificadas em convergência com o conteúdo pedagógico dado em sala de aula.

Esta situação é citada por Barbosa (*cit.in* Soares et alii., 2017) sobre a precariedade da estrutura física das escolas brasileiras. E, ainda orienta que as escolas do Programa Mais Educação, busquem parcerias com instituições ou entidades, públicas ou privadas, para o desenvolvimento das atividades (Soares et alii., 2017).

Em contato com a Secretaria de Educação de Itatiba, o relato sobre os desafios também recaem sobre os cortes de verbas do governo federal, que são importantes para a manutenção do ensino integral, e a falta de condições estruturais e de equipe no município, as escolas do ensino fundamental I e II (1º ao 5º e 6º ao 9º ano escolar) que eram de tempo integral. De cinco escolas do ensino fundamental I e II que o município implantou a partir de 2012, são somente três em 2019, atendendo atualmente cerca de 500 alunos da rede pública municipal, do ensino fundamental I (Itatiba, 2019).

Os desafios da ETI são constantes, dentre eles a diversidade e quantidade de alunos em uma sala de ensino básico, as dificuldades de estruturas das escolas para oferecimento de oficinas diversificadas, e o desafio das oficinas estarem em convergência com o conteúdo pedagógico dado em sala de aula (Cenpec, 2011).

E ainda, no Brasil, quando um Programa começa se ajustar, o governo muda, conforme citado por Garcia (2019), em entrevista para o site Nova Escola Gestão, a pesquisadora do Núcleo de Educação Integral do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária que discorre sobre o Programa Mais Educação vigente de 2007 a 2016 e no momento, mudado para Novo Mais Educação, que tem os modelos de 5 ou 15 horas semanais no contraturno, diferente das 35 horas semanais do modelo anterior. Relata ainda, que a diversidade de atividades oferecido pela primeira versão incentivava a ampliação da aprendizagem e experimentação, e que o Novo se restringe a áreas mais tradicionais da Educação, como Português e Matemática, o que delimita possíveis caminhos da comunidade escolar em se desenvolver em novos temas. A pesquisadora ainda relata, que pelos desafios encontrados para a Educação de Tempo Integral este novo programa pode ser uma boa medida e necessária, mas se distancia do que se entende por Educação Integral, que é colaborar para a formação integral do aluno (Garcia, 2019).

Palma e Silva (2013), relatam sobre estas tentativas de organização da ETI e afirmam que se não fosse pela constatação da funcionalidade desta concepção de Educação em outros países, onde a educação integral não é uma modalidade ou um plano a mais de governo, e sim uma política governamental, com certeza seria possível justificar a descontinuidade de tais programas como um reflexo de uma proposta de educação que não tem como dar certo.

Em Itatiba, interior de São Paulo, Brasil, de acordo com a Resolução S.E.M. Nº 03 de 2012, no seu artigo 1, a Escola de Tempo Integral, terá objetivos como ampliar as possibilidades de aprendizagem com a exploração de temas significativos para o desenvolvimento pessoal, social e cultural; proporcionar atividades educativas diversas articuladas à adequação do espaço escolar e de outros espaços públicos; intensificar as possibilidades de socialização, proporcionando aos alunos alternativas de ação no campo social, cultural, esportivo e tecnológico; formar alunos engajados e questionadores; assistir o educando integralmente nas necessidades básicas educacionais, reforçando o aproveitamento escolar, autoestima e sentimento de pertencimento (Itatiba, 2012).

iv. Oficinas Inclusivas na Escola de Tempo Integral

Outro grande desafio na ETI é a promoção da inclusão, pois é dever do Estado assegurar a criança e ao adolescente um atendimento educacional especializado àqueles com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (Eca, 1990).

Conforme a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, o propósito é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos por todas as pessoas com deficiência, sendo definidas como àquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza, física, mental, intelectual ou sensorial (Brasil, 2009).

Neste trabalho, o conceito de inclusão será ampliado, e não entendido somente para a criança com deficiência, pois o conceito de inclusão, inicialmente associado ao campo da educação especial, foi progressivamente estendido a outros grupos, tendo assim, uma inclusão mais abrangente, que, em breve, passaria a compreender a enorme diversidade que hoje constitui o público escolar (Ainscow e Ferreira, 2003 *cit. in* Coelho, 2010).

A mesma autora cita a Declaração Final da Conferência da UNESCO, levada a efeito em junho de 1994, onde claramente se alarga o conceito e se afirma que as escolas deverão: ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluir-se crianças com deficiência ou sobredotados, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais (UNESCO, 1994, p. 6, *cit. in* Coelho 2010).

Para que a educação seja plena, potente e capaz de garantir os direitos de aprendizagem que são pertinentes a cada momento da vida do aluno, ela pode e deve ser integral e inclusiva (cenpec, 2015).

A partir da definição de inclusão como :”[...] é uma forma de vida, uma maneira de viver juntos, baseado na crença de que cada indivíduo é valorizado e pertence ao grupo. Uma escola inclusiva será aquela que todos os alunos sintam-se incluídos” (Paterson, 1995 *cit. in* Sánchez,

2005), Sánchez aponta uma nova perspectiva que nos orienta a nos desprender dos conceitos de indiferença, individualização e falta de pertença. Para tanto Ferreira (2005) nos instrui que:

“(...) Escolas Inclusivas são escolas que devem levar em conta TODAS as crianças e suas necessidades educacionais, pessoais, emocionais, familiares, etc. Uma escola inclusiva deve ser humanística, no sentido de assumir a formação integral da criança e o jovem como sua finalidade primeira e última. Uma escola inclusiva não pode somente se referir a um grupo social em desvantagem e excluído (mais frequentemente conhecido como o grupo das crianças com deficiência), mas deve, ao invés disso, se comprometer e lutar pelo direito de todos aqueles que vivem em situação de risco, como resultado de uma sociedade injusta e desigual que privilegia os que têm em detrimento aqueles que nada possuem. (Ferreira, 2005, p.43).”

Implementar a educação integral é muito mais que ampliar a jornada diária de estudos, implica o acesso de crianças e adolescentes à diferentes oportunidades de aprendizagem e de fruição de experiências culturais e educativas, tanto nos espaços públicos como nos espaços privados das cidades onde vivem (Cenpec, 2015).

Para Pacheco e Pacheco (2013) a escola que oferece inclusão total não há métodos diferentes para crianças com deficiência, pois cada aluno é considerado especial, da mesma forma as adaptações curriculares são realizadas para todos os alunos.

De acordo com Brunswick, (*cit. in* Pacheco et.al., 2007), um sistema educacional que promove a inclusão total baseia-se em algumas ou em todas as seguintes crenças e princípios:

“(...) todas crianças conseguem aprender; todas as crianças frequentam classes regulares adequadas à suas idades em suas escolas locais; [...] recebem um currículo relevante as suas necessidades, [...] participam de atividades curriculares e extracurriculares [e] beneficiam-se da cooperação e colaboração entre seus lares, sua escola e sua comunidade.”

Com relação aos espaços que podem facilitar as atividades da escola de ensino integral e inclusiva, o “Guia Políticas de Educação Integral” do Cenpec e Itaú Social do Brasil, recomenda que considerar os espaços e a infraestrutura existentes na rede, ou mesmo na cidade, é uma medida importante de diagnóstico para tomadas de decisão da secretaria em relação ao processo da Política de educação integral e atividades propostas.

Travassos e Bastani (2013), concluem em seu trabalho que disserta sobre a Equoterapia e a Educação Inclusiva, que é possível a terapia ser utilizada como um processo educacional tendo por objetivo criar um espaço que contribua para a construção e reconstrução do conhecimento, levando o praticante a desenvolver suas habilidades e a aquisição de novas competências, levando-o a uma autorealização, por meio de atividades lúdicas, desportiva e motivadora, como são as atividades que envolvem o cavalo.

Para a educadora Reginato (Cenpec, 2019), as oficinas permitem aos estudantes o desenvolvimento e um olhar ampliado, além de contato com diferentes grupos, discursos e linguagens que ampliam o nível de letramento, o repertório cultural e possibilita exercícios de reflexões sobre a própria vida, os valores de convivência, solidariedade e respeito a diversidade (Cenpec, 2004/2017).

Para Santos et.al. (2018), por meio das oficinas já recomendadas por Freinet (1974), o aluno estabelece relações pessoais, como realizadas em um trabalho ativo e real que será o centro de toda atividade, que é feita de forma cooperativa e facilita o trabalho e a interação dentro ou fora da sala de aula. E, nas atividades em grupo, os problemas da vida e da prática social são avaliados e discutidos para a realimentação e reorganização do trabalho conjunto.

No Brasil, há o Prêmio Itaú-UNICEF, que busca estimular parcerias entre Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e escolas públicas no desenvolvimento de projetos socioeducativos. Esses projetos devem contribuir com as políticas públicas de Educação Integral para crianças, adolescentes e jovens em condições de vulnerabilidade socioeconômica (Cenpec, 2015).

As oficinas inclusivas, geralmente oferecidas pelas OSCs em parceria com as Escolas de Tempo Integral, possibilitam formas de intervenções inovadoras, encorajam novas experiências e desenvolvem novas habilidades, competências e a sociabilidade (Cenpec, 2015).

III. ESTUDO EMPIRICO

3.1. Contextualização e Participantes

i. Contextualização

O município de Itatiba, situado na região sudeste do Brasil, faz parte da Região Metropolitana de Campinas e apresenta cerca de 113.284 habitantes (Itatiba, 2019). Atualmente possui 27 escolas públicas para Educação de alunos do Ensino Fundamental da Educação Básica (fundamenta I e II). O ensino de modalidade regular está organizado em ciclos como apresentado na tabela a seguir (Tabela 2).

Tabela 2. Organização dos ciclos de acordo com ano e idade

<i>Ciclo</i>	<i>Ano</i>	<i>Idade</i>
Ciclo I	1º, 2º e 3º ano	A partir do 6 anos
Ciclo II	4º e 5º	9 e 10 anos
Ciclo III	6º e 7º	11 e 12 anos
Ciclo IV	8º e 9º	13 e 14 anos

A qualidade do ensino segue a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9394 de 1996, que se fundamenta na educação plena da cidadania. Além da carga horária das aulas diárias, o município também conta com um complemento de jornada escolar para crianças com dificuldades de aprendizagem, além disto, também conta com a ETI em algumas escolas específicas, sendo atualmente, três escolas de ensino fundamental (Itatiba, 2019).

ii. Participantes

Para a seleção dos participantes, a pesquisadora entrou em contato com a Secretaria de Educação do Município de Itatiba e, assim foi escolhida uma escola, de acordo com os seguintes critérios de inclusão: alunos do 3º do Ensino Fundamental que estejam matriculados no programa de Educação de tempo Integral, crianças com e sem deficiência, pensando na inclusão escolar, e uma escola que esteja situada em um bairro vulnerável. Juntamente com o Centro de

Atenção Educacional, Psicossocial e Inclusiva (CAEPI) foi selecionada uma escola e uma sala na qual englobava os critérios de inclusão, supracitados.

Deste modo, 20 sujeitos de ambos os sexos foram incluídos no estudo: 40% do sexo feminino e 60% do sexo masculino com idades que variam de 8 a 9 anos ($M=8,40$; $DP= 0,50$). A amostra deste estudo foi dividida em dois grupos, experimental e de controle. No grupo experimental 50% ($N=5$) dos sujeitos eram do sexo feminino e 50% ($N=5$) do sexo masculino. No grupo de controle, 30% eram do sexo feminino e 70% do sexo masculino. Ambos sujeitos matriculados em uma escola de Ensino Fundamental I de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

3.1.2. Metodologia e estrutura da investigação

Considerando serem as hipóteses conjecturais possíveis, lógicas e dedutivas, (Sousa, 2005), foram testadas as seguintes hipóteses:

H 1- O PAEDA poderá ser um programa eficaz para ser utilizado como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

H2- O grupo experimental terá melhor desempenho escolar, no que se refere a escrita e aritmética que o grupo de controle.

H3- O grupo experimental terá melhora na Consciência Fonológica superior ao grupo de controle.

H4- O grupo experimental terá melhora na habilidade cognitiva de atenção em relação ao grupo de controle.

Para este fim, foram utilizados variáveis dependentes, na qual, de acordo com Souza (2005) são aquelas que dependem dos procedimentos da investigação e que procuramos como resposta para a pergunta.

Portanto, neste presente estudo, foi foco de investigação as seguintes variáveis: habilidade cognitiva da atenção seletiva e alternada, consciência fonológica, aritmética e escrita. E que também as variáveis sociodemográficas foram: escola pública, sexo, situação de vulnerabilidade e nível sócioeconômico.

De início, a secretaria da Educação do Município de Itatiba foi procurada, bem como o Centro de Apoio Educacional Psicossocial Inclusivo de Itatiba (CAEPI), para apresentação e entrega dos pedidos de autorização do estudo (Anexo I). Após autorização do órgão, os alunos foram convidados a participar voluntariamente no estudo, sendo que os objetivos e a metodologia do trabalho foram explicados e as dúvidas foram esclarecidas, informando-se ainda do anonimato e da confidencialidade dos dados pela responsável do estudo. Foi ainda realizada, na reunião de pais, no primeiro semestre, a explanação do estudo e entregue e assinado o formulário de consentimento informado a cada responsável pelos participantes (Anexo II). Após a obtenção do consentimento informado pelos Encarregados de Educação, a assistente social, colaboradora do estudo, preencheu junto aos familiares, um questionário para incluir as informações sobre as características sociodemográficas dos participantes: idade, gênero, se realiza terapias, reforço escolar e, se diagnóstico de deficiências (Anexo III).

Posteriormente, os testes foram aplicados, também pela equipe de colaboradores do estudo, composta por psicóloga, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e pedagoga, sendo que a pesquisadora participou destas etapas, somente como observadora. Os colaboradores assinaram o Termo de Colaboração (Anexo IV).

O estudo foi previamente autorizado pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa (Anexo V).

i. Instrumentos

Para o pré e o pós testes foram utilizados os seguintes instrumentos: Prova de Consciência Fonológica por Escolha de Figura (Capovilla e Seabra, 2012) que será citado no estudo por meio da sigla PCFF (anexo VI), Teste de Atenção por Cancelamento (Montiel e Seabra, 2012), conhecido pela sigla TAC (anexo VII), Prova de Escrita sob Ditado (versão reduzida) ou PED-vr (Seabra e Capovilla, 2013; anexo VIII) e a Prova de Aritmética, também conhecida como PA (Seabra et al., 2009, 2013; anexo IX). Todos os instrumentos supracitados apresentam os mesmos valores de cut-off, nas quais as pontuações padrão são classificadas por, < 70 muito baixa; entre 70-84 baixa; entre 85-114 média; entre 115 e 129 alta; > 130 muito alta.

A Prova de Consciência Fonológica por Figuras foi utilizada com o objetivo de avaliar a habilidade da criança em manipular os sons da fala, sendo composta por subtestes que avaliam a rima, aliteração, adição silábica e fonêmica, subtração silábica e fonêmica e transposição silábica e fonêmica, além de trocadilhos. Estudos realizados sobre a consciência fonológica demonstram que existe uma correlação direta com o desempenho em leitura e a consciência fonológica, e de acordo com Capovilla e Dias cit in Capovilla et al. (2003), compararam os resultados desta prova com o desempenho de bons e maus leitores. A aplicação é individual.

O Teste de Atenção por Cancelamento (TAC), avalia a atenção seletiva e a alternância de foco. É constituída por três matizes com estímulos que vão ficando mais complexos. A aplicação pode ser coletiva, para crianças de 5 até 14 anos de idade (Montiel e Seabra, 2012).

A Prova de Escrita sob Ditado (versão reduzida), também conhecida como PED-vr avalia a escrita na condição de ditado de 36 palavras, dentre elas palavras regulares, irregulares, palavras de baixa e alta frequência e pseudopalavras. Além da avaliação quantitativa, pode-se realizar uma análise qualitativa das estratégias que a criança utiliza para a escrita (Capovilla et al, 2013).

A Prova de Aritmética (PA), de acordo com Seabra et al., 2009, 2013, cit in Capovilla, 2013, avalia distintos aspectos da competência aritmética, desde escrita dos números apresentados, sequências crescente e decrescente, comparação de grandeza, cálculos matemáticos e resolução de problemas. A aplicação pode ser coletiva e é indicada para alunos do ensino fundamental.

Critério de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Busca averiguar junto às famílias os bens que elas possuem e em que quantidade. Entre esses bens tem-se: automóvel, geladeira, televisão, dentre outros. Além disso, é questionado o nível de instrução do principal provedor da família. A partir da pontuação na escala de itens de consumo obtêm-se a classificação econômica que, no Brasil, se distribui em sete classes: A, B1, B2, C1, C2, D E (ABEP, 2019).

A avaliação pré intervenção teve a duração de 4 dias com no máximo 1 hora e 30 minutos de aplicação, no primeiro horário escolar do período da manhã, além de um encontro com os pais ou responsáveis para a aplicação do questionário de avaliação social. Ao término das

avaliações iniciaram-se os atendimentos do grupo experimental em Equoterapia no programa PAEDA. Foram 08 sessões de duas horas cada, com 1 grupo mediado por duas terapeutas e duas auxiliares. No grupo foram realizadas algumas das estratégias do programa. A frequência dos atendimentos foram de 2 vezes por semana. Todas as sessões do PAEDA foram divididas em três momentos: aquecimento, execução da atividade e compartilhamento (Tabela 3).

ii. Estratégias do PAEDA

As estratégias do PAEDA utilizadas neste estudo estão descritas abaixo e as estratégias, são divididas nas etapas demonstradas na tabela abaixo.

Tabela 3. Etapas do PAEDA

<i>Etapas do PAEDA</i>	<i>Descrição das Etapas</i>
Aquecimento	Informação das habilidades a serem trabalhadas, bem como planejar as estratégias.
Execução da Atividade	Realizar o que foi planejado no aquecimento, rever e refazer as estratégias, quando julgarem necessário.
Compartilhamento	Realização da autoavaliação e avaliação do grupo e do conteúdo aprendido com a atividade executada. Fazer o processo de analogias e processamento.

1ª Estratégia

Objetivo: apresentação dos participantes.

Modalidade da equitação utilizada como base da estratégia: volteio.

Contextos: manejo, encilhamento e montaria sem autonomia.

Materiais: rasqueadeira, escova, limpador de casco, manta barrigueira, ligas, cabeção de volteio, rédeas laterais, guia longa, chicote de volteio e cilhão de duas alças.

Cavalos: vários cavalos (4) para a primeira etapa e dois cavalos para a segunda etapa.

Andamento: passo.

Fase do Aquecimento: dar o nome da sessão como “APRESENTAÇÃO”.

Iniciar em círculo uma apresentação das crianças, terapeuta e auxiliares. Cada um dizendo quem é. Conceituar a Equoterapia em uma linguagem simples e sempre buscando o “saber” e a

inferência dos praticantes sobre o tema. Realizar a apresentação dos cavalos pelos nomes, permitindo os questionamentos dos praticantes e questionando sobre a pelagem dos animais, gênero (machos e fêmeas), tamanho e comportamento. Breve apresentação dos materiais de encilhamento, com nomeação de cada material que serão utilizados para preparar o cavalo para a montaria.

Fase de execução da atividade: realizar montaria sem autonomia na modalidade do volteio terapêutico.

Antes de montar o cavalo, os praticantes são chamados um a um para entrar no círculo. A terapeuta que está ao lado do cavalo, que é rodado na guia pelo auxiliar, chama os praticantes pela primeira letra ou sílaba do nome “entra para o círculo quem começa com a letra (.....), e eles vão formando uma fila atrás do auxiliar que está na guia. Para escolher o primeiro que monta a cavalo o critério é a ordem contrária da que entraram para o círculo. Após todos experimentarem a montaria, realizando em torno de 4 círculos, levam o cavalo para o pátio de encilhamento, ajudam a tirar o material e despedem-se do animal.

Fase do Compartilhamento: pedir que recordem o tema da sessão, nome de todos os integrantes, cavalos, materiais e terapeutas. Resgatar o que fizeram e como se sentiram. Dar espaço para ser falado de sentimentos, sensações no primeiro contato com o grupo e com os cavalos. Investigar sobre os que mais gostaram e finalizar a sessão.

2ª Estratégia

Objetivo: estimular consciência fonológica (sílabas e palavras).

Modalidade da equitação utilizada como base da estratégia: volteio.

Contextos: manejo, encilhamento e montaria sem autonomia.

Materiais: rasqueadeira, escova, limpador de casco, manta, barrigueira, ligas, cabeção de volteio, rédeas laterais, guia longa, chicote de volteio e cilhão de duas alças.

Cavalos: um cavalo preparado para guia longa.

Andamento: passo.

Fase do Aquecimento: lembrar o nome dos materiais que viram na outra sessão. Com a brincadeira ritmada em formato de música: Atenção, (bate palma), concentração (bate palma), Ritmo (bate palma): falar o nome de um encilhamento. Após a terapeuta mediadora diz que vai falar como um “robô”, separando as sílabas e realizando a transposição silábica, como por exemplo: ta/man para manta, va/es/co para escova e assim por diante. A cada fala da terapeuta

mediadora é a vez de um praticante fazer a adivinhação e pegar o material para utilizar no cavalo. No momento da utilização podem pedir auxílio aos auxiliares ou companheiros de grupo. A meta é ter o cavalo limpo e preparado com todos os materiais de volteio para irem para outra etapa.

Fase de Execução da atividade: todos os praticantes estão fora do círculo e um a um vai montando no cavalo que está sendo rodado na guia longa. Solicitar ao praticante montado que se lembre de um material. O nome do material que for lembrado deverá ser dividido em sílabas, pelo praticante. O número de sílabas será o número de posturas que ele deverá criar enquanto está montado a cavalo. Os outros integrantes devem observar as posturas e fazer do chão, ao montar, evitar que as posturas sejam repetidas, criar outras, e do chão as crianças repetem a postura com as sílabas.

Fase do Compartilhamento: verificar a compreensão de todos os praticantes sobre os conceitos de sílaba e palavra e compartilhar sobre o que acharam da atividade. Se lembrarem dos nomes dos integrantes do grupo e dos materiais utilizados. Finalizar mostrando uma cabeçada com rédeas, e em duplas, brincarem, um sendo a cabeça do cavalo e outro sendo o cavaleiro. Ensinar a pegada das rédeas e os movimentos para o cavalo andar, parar e virar para ambos os lados.

3ª Estratégia:

Objetivo: estimular a consciência fonológica no nível da rima e habilidade cognitiva de atenção e memória.

Modalidade da equitação utilizada como base da estratégia: volteio.

Contextos: manejo, encilhamento e montaria sem autonomia.

Materiais: rasqueadeira, escova, pano, limpador de casco, manta, barrigueira, ligas, cabeção de volteio, rédeas laterais, guia longa, cilhão de duas alças, quadro branco e pincel.

Cavalos: um cavalo preparado para guia longa.

Andamentos: passo e trote.

Fase do Aquecimento: iniciar a sessão retomando os nomes os conceitos trabalhados na sessão anterior.

Expõe o objetivo da sessão: trabalhar o som das palavras no nível da rima. Especula-se o que eles sabem sobre rimas e passa-se o conceito, dando e pedindo exemplos.

Divide-se o grupo para manejo e encilhamento e sugere-se que eles se organizem da maneira que acharem melhor. Importante ter os auxiliares para garantir segurança no manejo e encilhamento;

Fase de Execução da Atividade: um amigo que está no solo fala uma palavra (que foi utilizada no manejo ou encilhamento) e o praticante sobre o cavalo, escuta, experimenta o trote e, depois que o cavalo volta ao passo, forma uma rima com a palavra que foi proposta pelo amigo do solo. Com as duas palavras “a palavra que o amigo falou e com a palavra da rima” realiza duas posturas diferentes, falando em voz alta as palavras enquanto realiza as posturas.

O próximo a montar deve lembrar-se da postura do amigo, realizar ambas posturas e depois escutar a palavra do outro amigo, trotar e realizar a rima da mesma maneira que o primeiro praticante. Caso não lembre, os colegas do grupo podem contribuir.

Realizar suas duas posturas e dar continuidade no trabalho. O terceiro praticante deverá lembrar-se somente do praticante anterior e realizar a sua rima, e assim sucessivamente para os outros integrantes do grupo.

Fase do Compartilhamento: investigar a compreensão do conceito de rima, a experiência com o trote e da tarefa de atenção e memorização embutida na atividade. Trazer perguntas sobre os possíveis aprendizados da sessão.

4ª Estratégia

Objetivo: estimular a habilidade cognitiva da atenção

Modalidade da equitação utilizada como base da estratégia: adestramento

Contextos: manejo, encilhamento e montaria sem autonomia.

Materiais: rasqueadeira, escova, pano para limpeza das narinas, limpador de casco, sela, barrigueira, estribos, protetor de rim, manta, cabeçada, cabresto.

Cavalos: 4 cavalos encilhados com cabresto por baixo e cabeçada por cima.

Andamento: passo.

Fase do Aquecimento: expõe o objetivo da sessão atual que será trabalhar a atenção às formas dos materiais e partes do corpo dos animais.

Inicia-se a sessão mostrando as formas dos materiais e das partes do corpo do cavalo, chamando atenção para formas retas e formas arredondadas. Sempre trabalhando mais com as perguntas, que com respostas, instigando aos participantes à observação, comparação e descobertas. Compara-se as escovas retangulares, redondas e outros materiais, como também as partes do corpo do animal que são mais retas e outras arredondadas, p.e. pernas e barriga, respectivamente. Após exploração dos materiais e utilização para o manejo e encilhamento, parte-se para fase de execução, na qual será realizada a montaria.

Fase de Execução da Atividade: cada participante pega de uma caixa, duas figuras geométricas, em cartões feitos de papel grosso branco desenhado com linhas pretas. É proposto caminhar, com o grupo todo, pela pista fazendo uma volta completa e depois uma nova volta, parando nas figuras/formas que foram sorteadas, na ordem que elas foram sorteadas.(duas figuras)

Após esta volta, quatro crianças do grupo monta um cavalo, e as outras, sentam em círculo, observam e acompanham o percurso de um colega e desenha no chão as figuras geométricas e a ordem que elas ocorrem. Dão uma volta completa sem paradas, e na segunda volta, tem que parar nas duas imagens sorteadas. Lembrando que a criança montada, está com as rédeas nas mãos e o condutor está com a guia, fazendo a segurança da criança. Desta forma a criança necessita estar atenta não só à figura que ela deve parar, como também na condução do seu animal.

Fase do Compartilhamento: observar a compreensão dos praticantes sobre o conceito de formas e a atenção na parada das atividades. Verificar se gostaram da atividade e se sentiram algum tipo de dificuldade. Utilizar o momento para fazer analogias com o dia a dia na escola e com as dificuldades e os sucessos enfrentados. Fazer perguntas com relação a importância da atenção, e reconhecer, quando erram ou acertam, quais os fatores que levaram a errar ou acertar a atividade, tomando consciência do seu processo de aprendizagem.

Obs: as letras de adestramento que normalmente são utilizadas no esporte e também na Equoterapia, nesta estratégia foram substituídas por figuras geométricas.

5ª Estratégia

Objetivo: estimular o raciocínio para conceitos de aritmética- seriação

Modalidade da equitação utilizada como base da estratégia: salto

Contextos: montaria com autonomia.

Materiais: 7 varas de salto, pintadas de uma única cor, mas com diferentes tamanhos para seriar. Selas de adestramento, mantas de proteção, protetor de rim, estribos, cabrestos e cabeçadas, um cabo de vassoura com medidas pintadas de 10 em 10 cm.

Cavalos: 4 cavalos encilhados com material de adestramento: manta, sela com estribo e com cabresto por baixo e cabeçada por cima.

Andamento: passo.

Fase do Aquecimento: Inicia-se a sessão mostrando os cavalos e pedindo a percepção e comparação do cavalo com relação às outras semanas, para perceberem a diferença de materiais.

Os nomes dos materiais foram apresentados por brincadeiras para estimular a consciência fonológica, tais como sílabas com pausas entre elas, palavras que rimavam, p.e. tela rima com? (sela), bo....es...tri, trabalho de transposição silábica para a palavra estribo, dentre outras, contemplando todos os materiais utilizados.

Ainda como parte do aquecimento, em grupo organizar as varas inicialmente da menor para a maior, dando uma distância de 80 cm de uma vara para outra.

Realizam também a comparação dos cavalos em termos do tamanho, podendo iniciar do cavalo menor para o maior ou vice-versa.

Expõe o objetivo da sessão atual: trabalhar com o raciocínio que nos ajuda na matemática.

Fase da execução: vamos, após a pista montada, cada dupla ou trio, irá fazer o percurso, dando uma volta completa na pista com o cavalo a passo, e , depois, passa por cima do conjunto de obstáculos, que chama. Sendo, uma criança montada, um ao lado e no caso dos dois trios, um auxiliando na segurança, apoiando o cabo do cabresto. Porém, a criança que está montada que deverá conduzir o seu cavalo, com atenção no caminho e realizar a transposição do cavalete.

Na primeira passada, a direção será da menor para a maior vara, e na segunda vez será da maior para a menor vara.

Esta estratégia foi repetida na próxima semana, contando as varas, de um ao sete e depois em ordem decrescente, do sete ao um.

As estratégias, 2 e 3 foram repetidas da mesma forma durante duas sessões, e a estratégia 5 foi repetida com algumas alterações conforme descrito acima.

Após a aplicação do PAEDA, os participantes foram reavaliados, bem como o grupo de controlo, sendo aplicado os mesmos procedimentos da avaliação, ou seja, quatro dias com, no máximo, uma hora e 30 minutos de aplicação, no primeiro horário escolar do período da manhã, com as mesmas terapeutas voluntárias do estudo. O período de pós teste ocorreu na semana seguinte do término das intervenções com as estratégias do PAEDA. Ao grupo de controlo, após a realização da intervenção e pós testes também foram atendidos nas oficinas, a fim de garantir também a possibilidade a este grupo, de participar das oficinas do PAEDA.

De forma a assegurar a confidencialidade dos dados, todos os questionários e declarações de consentimento informado foram separados e guardados em local seguro, de forma a garantir a impossibilidade de os emparelhar e aos quais só tiveram acesso, a equipa responsável pelo estudo. Terminada a pesquisa, estes documentos foram destruídos.

iii. Tratamento estatístico

Foi realizada uma análise exploratória de dados por meio de estatística descritiva (média, desvio padrão, frequência e porcentagem). As comparações foram realizadas por meio de testes não paramétricos com recurso ao programa informático SPSS, versão 22,0 para Windows.

IV. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. Apresentação das análises estatísticas

Os gráficos 1, 2, 3 e 4 e a tabela 4 demonstram os resultados do pré e pós teste dos grupos experimental e de controlo. Os resultados demonstrados, tanto nos gráficos como na tabela ilustram a idade, sexo, presença ou ausência de deficiência, como também presença de demandas motoras, afetivas e sociais, bem como a classe social dos participantes do estudo. Posteriormente, a tabela ilustra os resultados das variáveis: escrita sob ditado, habilidade cognitiva da atenção, aritmética e consciência fonológica.

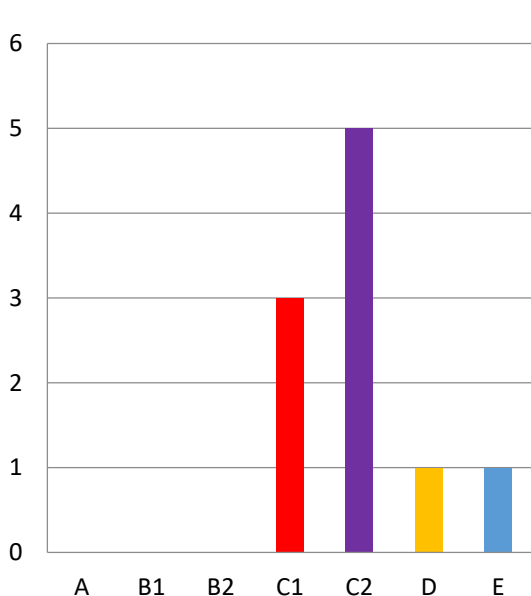


Gráfico 1. Classe Social Grupo Experimental

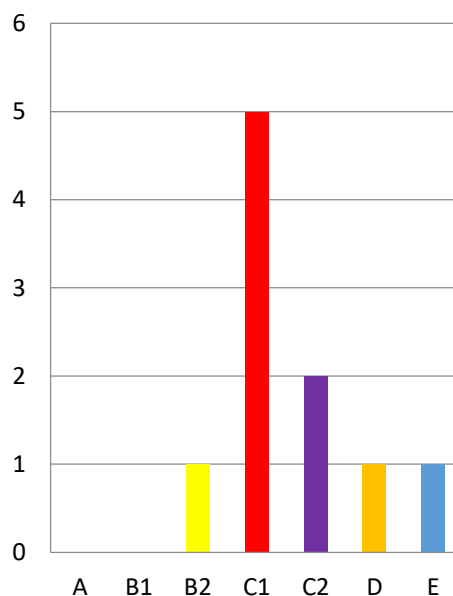


Gráfico 2. Classe Social Grupo Controlo

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

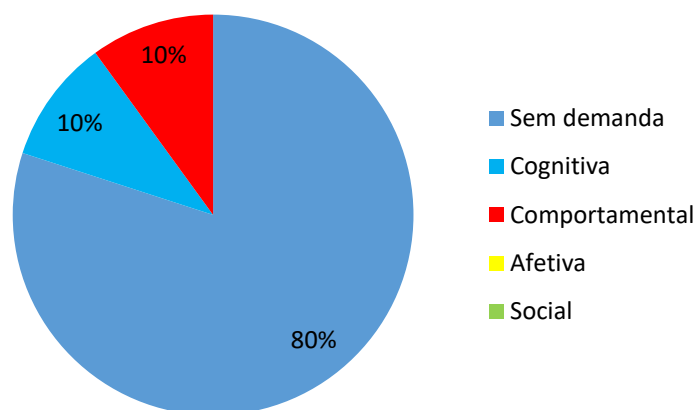


Gráfico 3. Demanda Grupo Experimental

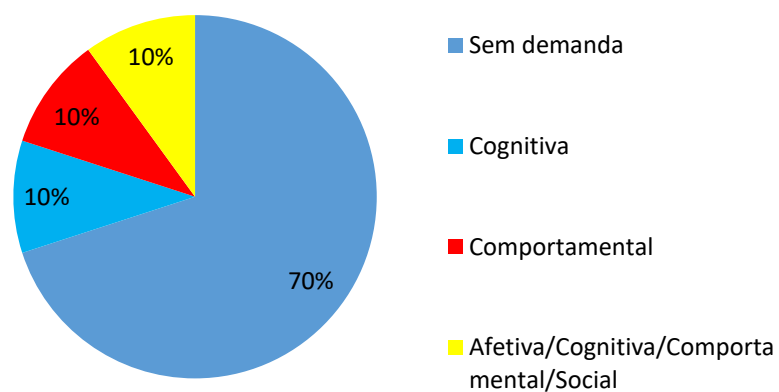


Gráfico 4. Demanda Grupo Controlo

Tabela 4. Idade, tipo de deficiência, classe social e resultados no testes dos participantes (n=20), de acordo com o sexo.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

	Grupo experimental		Grupo controle		
	N=10		N=10		
	Sexo feminino N= 5 (50%)	Sexo masculino N= 5 (50%)	Sexo feminino N= 3 (30%)	Sexo masculino N= 7 (70%)	
	<i>Média±dp</i>		<i>Média±dp</i>		
Idade (anos)	8,40±0,51		8,40±0,516		
	<i>n (%)</i>		<i>n (%)</i>		
Deficiência/demanda					
Sim		2 (20%)	1 (10%)	2 (20%)	
Não	5 (50%)	3 (30%)	2 (20%)	5 (50%)	
Tipo de deficiência/demanda					
Cognitiva		1 (10%)	2 (20%)		
Comportamental		1 (10%)	2 (20%)		
Afetiva			1 (10%)		
Social			1 (10%)		
Classe social					
B2				1(10%)	
C1	2 (20%)	1(10%)	2 (20%)	3 (30%)	
C2	2 (20%)	3(30%)		2 (20%)	
D/E	1(10%)	1(10%)	1(10%)	1(10%)	
	<i>Média±dp</i>		<i>Média±dp</i>		
Testes					
<i>Avaliação</i>	Ditado Geral	96,6±20,9	75,4±45,6	60,3±25,0	84,0±42,8
	Ditado Palavras	97,6±15,14	74,0±44,7	59,3±33,1	84,5±44,9
	Ditado Pseudopalavras	96,6±23,8	77,80±45,7	78,6±26,2	88,0±36,6
<i>Reavaliação</i>	Ditado Geral	95,0±29,6	81,2±46,7	67,6±39,7	90,7±40,4
	Ditado Palavras	97,6±26,5	74,20±46,5	62,0±40,8	88,8±40,1
	Ditado Pseudopalavras	104,2±16,6	87,0±49,1	81,0±34,7	93,43±41,3
<i>Avaliação</i>	Cancelamento	96,8±17,5	101,8±9,4	112,0±18,5	105,7±24,8

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Reavaliação	Cancelamento	104,6± 14,2	110,6±9,7	103,3±9,4	118,8±14,3
Avaliação	Aritmética	92,2±25,2	M=93,0±25,4	79,3±14,4	87,4±36,4
Reavaliação	Aritmética	99,6±25,2	98,2±23,1	75,3±24,5	103,0±23,5
Avaliação	PCFF	78,0±42,5	59,0±48,9	51,3±37,0	97,1±31,0
Reavaliação	PCFF	110,6±17,2	93,8±53,1	71,3±31,0	105,8±27,5

Classe B2: Média classe média; Classe C1:Baixa classe média; Classe C2: Vulnerável;
Classes D/E: Pobre; PCFF: Prova de Consciência Fonológica por Figuras .

A maioria das crianças não apresentaram demandas afetivas, motoras, afetivas e/ou sociais, referenciadas pelos responsáveis no questionário de avaliação social. No grupo experimental havia dois participantes do sexo masculino com demandas cognitivas e comportamentais citadas pelos pais na avaliação social e uma participante do sexo feminino diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista, no grupo de controle.

Em relação à classe social, a maioria dos sujeitos apresentaram pontuações entre B2 e D-E, com concentração maior nas classes C1, C2, D e E, de acordo com o índice do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, 2016)

Foi utilizado o teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar se os dados apresentavam uma distribuição normal. Os resultados indicaram normalidade com $p > 0,05$.

Após comprovar a normalidade dos dados, foi realizado a Análise de Variância ANOVA para comparar as médias dos escores no grupo experimental e controle.

Na prova de Ditado, quando dividido por sexo, observou-se um aumento da média no grupo experimental tanto no grupo feminino como no masculino. Já no grupo controlo houve uma diminuição da média no grupo feminino e aumento no grupo masculino. Mesmo assim, o grupo controlo foi o que apresentou uma média superior (Gráficos 5 e 6), entretanto o p valor foi $> 0,05$, isto é não houve significância estatisticamente pois o $p= 0,80$. Os valores de cut-offs, para a prova de ditado são: < 70 muito baixa; entre 70-84 baixa; entre 85-114 média; entre 115 e 129 alta; ≥ 130 muito alta (Seabra, Dias e Capovilla, 2013). Na avaliação e reavaliação o grupo experimental, obteve uma pontuação padrão, classificada como média. Já o grupo controlo, a pontuação de ambas as avaliações, obteve uma classificação considerada baixa.

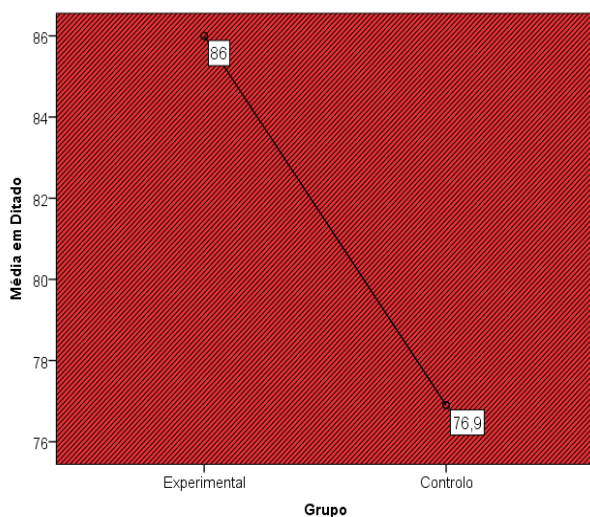


Gráfico 5. Avaliação no Ditado

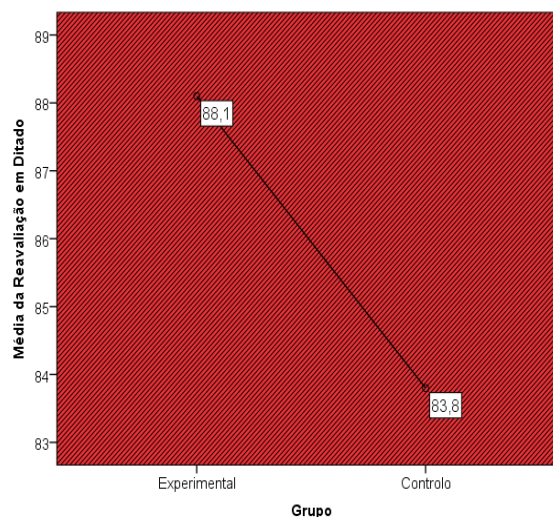


Gráfico 6. Reavaliação no Ditado

Na prova de ditado houve um aumento na média de ambos os grupos, experimental e controlo posteriormente ao experimento, considerando a amostra geral, isto é, não dividida por sexo.

Portanto, em relação ao **H2** o grupo experimental terá melhor desempenho escolar, no que se refere a escrita e aritmética que o grupo de controlo, hipótese rejeitada.

No teste de Cancelamento, que avalia a variável atenção, quando dividido por sexo, observou-se aumento da média tanto nos participantes do sexo feminino como masculino no grupo experimental, já no grupo de controlo houve um rebaixamento da média dos participantes

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

do sexo feminino e um aumento da média dos participantes do sexo masculino. No que se tange ao valores de cut-offs, para a prova de cancelamento, as classificações das pontuações padrões são: < 70 muito baixa; entre 70-84 baixa; entre 85-114 média; entre 115 e 129 alta; > 130 muito alta. Ambos os grupos (experimental/ controlo) iniciaram e finalizaram as avaliações pré e pós, com uma pontuação média (Seabra e Dias, 2012).

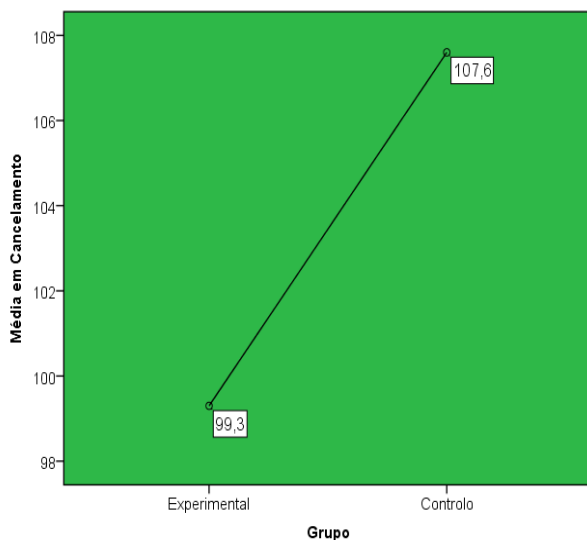


Gráfico 7. Avaliação em Cancelamento

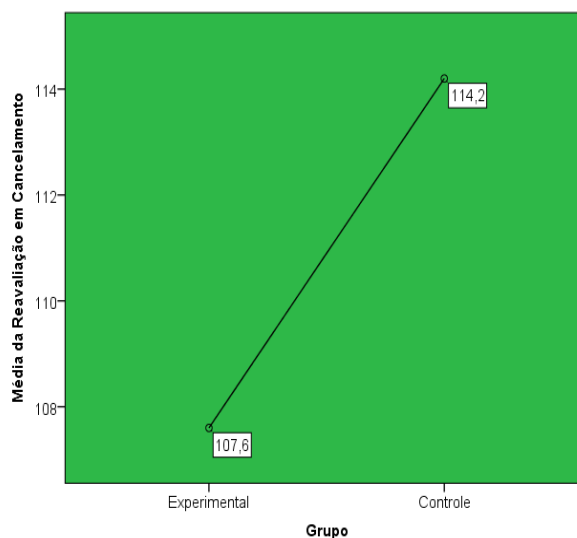


Gráfico 8. Reavaliação em Cancelamento

Considerando a amostra geral, tanto o grupo controle, quanto o grupo experimental obteve um aumento na média do escore na reavaliação (Gráficos 7 e 8), porém os resultados não foram significativos estatisticamente, com p valor igual a 0,28.

O **H4**, grupo experimental terá melhora nas habilidades cognitiva de atenção em relação ao grupo de controlo, foi rejeitado, de modo que tanto o grupo controle, quanto o experimental, obtiveram um aumento desta habilidade, apesar do grupo experimental ter um aumento maior da média.

Em aritmética, quando dividido por sexo, observou-se aumento da média tanto nos participantes do sexo feminino como masculino no grupo experimental, já no grupo de controlo houve um rebaixamento da média dos participantes do sexo feminino e um aumento da média dos participantes do sexo masculino. As as classificações das pontuações padrões para o teste de aritmética são: < 70 muito baixa; entre 70-84 baixa; entre 85-114 média; entre 115 e 129 alta;

> 130 muito alta. Em ambas avaliações, pré e pós, o grupo experimental e controlo, obteve uma classificação média, isto é, na avaliação inicial e na reavaliação que ocorreu posteriormente as intervenções do PAEDA (Seabra, Dias e Capovilla, 2013).

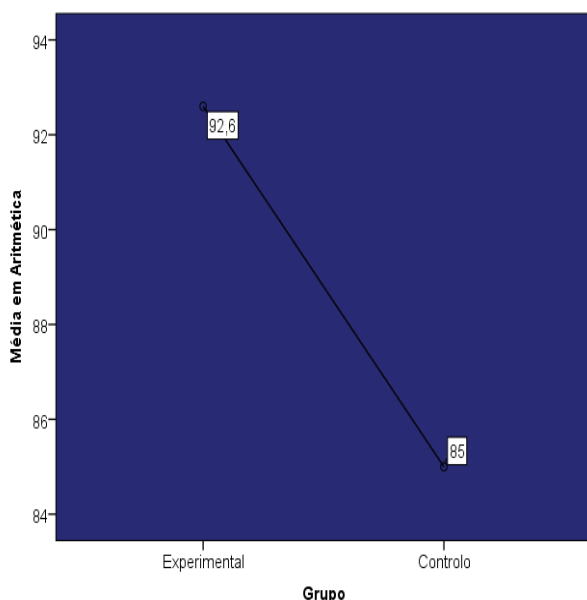


Gráfico 9. Avaliação em Aritmética

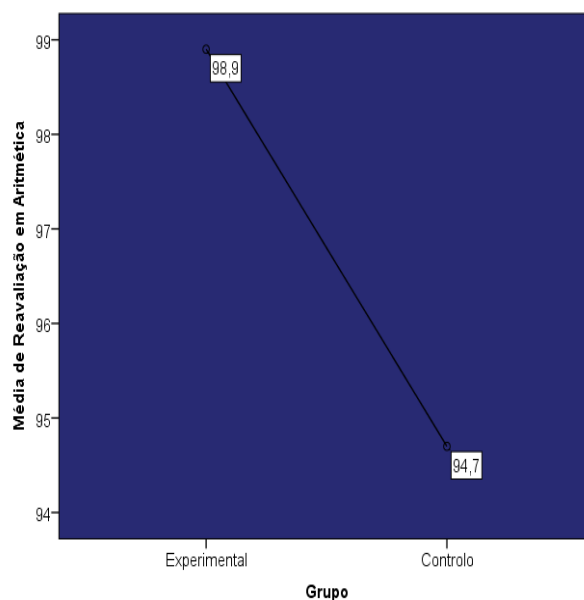


Gráfico 10. Reavaliação em Aritmética

Considerando a amostra geral, em Aritmética tanto o grupo de controlo, como o experimental apresentaram um aumento da média na reavaliação quando comparado com a avaliação inicial, (gráficos 9 e 10), entretanto o p valor foi exatamente 0,70, isto é não houve significância estatística.

No que se refere a **H2** o grupo experimental terá melhor desempenho escolar, no que se refere a escrita e aritmética que o grupo de controlo, hipótese rejeitada. De modo, que em ambos os grupos houve um aumento de escores, considerando as respectivas habilidades.

Na PCFF, quando dividido por sexo, observou-se aumento da média tanto nos participantes do sexo feminino como masculino no grupo experimental e no grupo de controlo. Entretanto, o aumento da média foi maior no grupo experimental que no grupo de controlo.

De acordo com os valores valores de cut-offs, para a PCFF, de inicio a pontuação do

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

grupo experimental foi considerada muito baixa, de modo que a pontuação padrão foi < 70 , sendo que na reavaliação o mesmo grupo obteve uma pontuação média $P=102,2$ (Pontuação padrão entre 85 e 114 = média). Já o grupo controle, obteve uma pontuação padrão baixa (Pontuação padrão entre 70 e 84= baixa), na avaliação inicial e na reavaliação percentualmente se encontravam na média (Pontuação padrão entre 85 e 114 = média; Seabra, Dias e Capovilla, 2013).

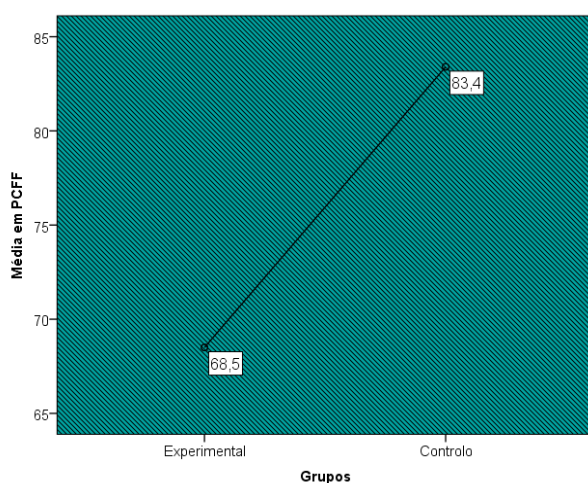


Gráfico 11. Avaliação na PCFF

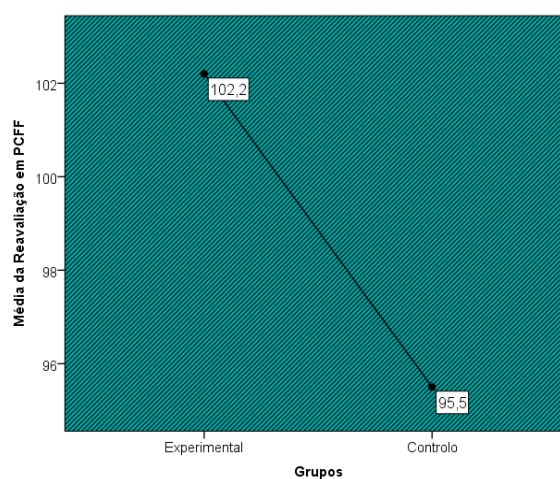


Gráfico 12. Reavaliação na PCFF

Considerando a amostra geral, os dados indicaram que a média dos escores do grupo experimental foi superior ao grupo controle na reavaliação, após realização de sessões de Equoterapia, porém em ambos os grupos houve um aumento dos escores (Gráficos 11 e 12), entretanto no grupo experimental a média foi maior, mas não estatisticamente significativa, pois o p valor é $> 0,05$, exatamente 0,67.

Desta maneira, a **H3**- O grupo experimental terá melhora na Consciência Fonológica superior ao grupo de controle, foi confirmada, porém não significativa estatisticamente.

Considerando os resultados das análises de médias, foi verificado que somente em consciência fonológica houve um aumento e escores, posteriormente as sessões do PAEDA. Desta maneira, não descartamos a **H1** o PAEDA poderá ser um programa eficaz para ser utilizado como oficina inclusiva na escola de tempo integral, de modo que houve aumento nas habilidades.

V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente estudo pretendeu investigar a eficácia do PAEDA como oficina inclusiva no ensino de tempo integral em crianças do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública do interior de São Paulo, Brasil. Apesar do PAEDA possuir 14 constructos, no presente estudo foram avaliados pré e pós intervenção do programa, 3 deles: desempenho escolar no que se refere a linguagem escrita e aritmética, consciência fonológica e habilidade cognitiva da atenção.

Quanto aos participantes, os pais e/ou responsáveis responderam no questionário de avaliação socioeconômica que somente dois participantes do grupo experimental e três do grupo de controlo tinham deficiência ou demandas especiais, entretanto, verificou-se pela equipe de terapeutas colaboradoras do estudo, durante o pré e pós-testes, outras crianças, além das citadas pelos pais possuíam dificuldades de compreensão e concentração da atenção durante as tarefas. Havia um aluno, do grupo experimental, que durante o teste de pré intervenção, dormia na classe. E pelo relato da professora ele somente acordava nos momentos de intervalo. Outro aluno com dificuldades de entendimento em todos enunciados, pedindo às terapeutas para repetirem as ordens constantemente.

Torezan e Almeida (2018), relatam que a realidade de uma sala de aula mostra que existe uma divisão entre os alunos que não apresentam nenhum tipo de dificuldade, o aluno que possui uma demanda especial e outros que não se encaixam em nenhum destes grupos, mas apresentam muita dificuldade de aprender e não possuem diagnóstico.

No modelo inclusivo segundo Correia (2008), *cit. in* Sousa e Coelho (2014), a escola designada contemporânea considera o aluno com necessidades educativas especiais (NEE) como um todo no centro da atenção, por parte da escola, família, comunidade e estado. Assim cada um deve assumir responsabilidades, e criar uma escola verdadeiramente inclusiva.

Daí a importância dos alunos participarem de oficinas inclusivas, como proposto neste estudo, pois o PAEDA permitiu o trabalho com a diversidade de participantes, em atividades grupais, colaborativas nas quais todos pudessem realizar a mesma tarefa dentro de um mesmo contexto. Mas, a perspectiva inclusiva, independente da classe, raça, gênero ou deficiência, implica em um grande desafio para os educadores (Anjos, 2014).

Prestes et alli (2010) refere que observar os diversos fatores inerentes ao processo de desenvolvimento de escolares com dificuldade de aprendizagem são fundamentais para delinear estratégias de intervenção, na equoterapia, que contribuam para sua formação enquanto indivíduos e sujeitos de diferentes contextos sociais.

Pacheco e Pacheco (2015) relata que todos os alunos são especiais e que cada um deve ser olhado em sua singularidade.

Os participantes, independentemente das dificuldades relatadas acima, mostraram-se altamente motivados durante as intervenções, participando ativamente com execução de atividades em todas as etapas do programa: aquecimento, execução da atividade e compartilhamento. E ao final do estudo, choravam dizendo que gostariam de continuar com a “escola com cavalos”, como nomearam espontaneamente o estudo.

Um aspecto-chave no contexto do aprendizado por meio da Equoterapia é que os usuários experimentam a prática não como algo comum, mas como uma atividade lúdica, como é a montaria. Portanto, é prazerosa para os usuários e há evidências de que a satisfação imediata, o interesse, a motivação e a autoestima promovem o aprendizado. Esse efeito motivacional dos cavalos de facilitar o aprendizado motor não pode ser subestimado (Debuse, 2006).

Na prova de Ditado, quando dividido por sexo, observou-se um aumento da média no grupo experimental tanto no grupo feminino como no masculino. Já no grupo controle houve uma diminuição da média no grupo feminino e aumento no grupo masculino.

Apesar do aumento da média do grupo controle, isso pode ser explicado pelo fato que a relação entre a consciência fonológica e a aquisição de leitura é bidirecional, ou seja, o desenvolvimento da consciência fonológica facilita o aprendizado da leitura mas também, a evolução na leitura propicia o desenvolvimento da consciência fonológica (Santos, 2007), portanto, as crianças tanto do grupo controle como experimental estavam inseridos no processo escolar e continuaram seu desenvolvimento.

Outra reflexão pertinente é que o número de sessões foi insuficiente para que o resultado fosse estatisticamente significativo. Sánchez (1998) nos traz que a escrita é a forma de

linguagem que gasta o maior tempo para ser adquirida, justamente por compreender diversas operações cognitivas por parte do sujeito que aprende. Ainda, Cruz (1999) evidencia que a aquisição da escrita requer o uso de estratégias cognitivas e de consciência fonológica (metacognitivas) para a criança se ajustar às exigências pedidas.

Prestes et.alli. (2010) relata que a equoterapia é um método de intervenção eficaz para melhorar o desempenho escolar desta população de primeiros anos do ensino fundamental, mas supõe que três meses ou 24 sessões seja um curto período para resultados estatisticamente significantes.

Ribeiro e Piantino (2017) referem que a equoterapia está avançando como instrumento pedagógico e que esta prática resulta em benefícios para a educação e reeducação de praticantes, pois melhora o desenvolvimento biopsicossocial e gera ganhos educacionais e de socialização, além dos ganhos na reabilitação, que são mais conhecidos e estudados.

Os resultados em aritmética, quando dividido por sexo, mostraram aumento da média tanto nos participantes do sexo feminino como masculino no grupo experimental, já no grupo de controlo houve um rebaixamento da média dos participantes do sexo feminino e um aumento da média dos participantes do sexo masculino.

Da mesma forma que os resultados da prova de Ditado, os resultados em aritmética não foram estatisticamente significantes neste estudo. E também houve uma melhora da média dos participantes do sexo masculino do grupo de controlo, o que pode ser explicado pela continuidade dos processos de aprendizagem em sala de aula e o quanto as matérias de Português e Matemática são enfatizadas no ensino fundamental.

Otahni et alli (2017), relatam em seu estudo com 106 crianças entre 10 e 12 anos que montaram cavalos por 10 minutos, não demonstram uma melhora estatisticamente significativa na habilidade em aritmética em relação aos grupos de controlo, um que caminhou 10 minutos e outro grupo que ficou em repouso 10 minutos, entretanto, o grupo que montou cavalos, diminui o seu tempo na resolução de problemas aritméticos em relação aos outros grupos, que não montaram cavalos, pois ativou o comportamento de reação e de autocontrole, outra variável observada no estudo.

Arezes e Silva (2018), no estudo “Benefícios da Equitação Terapêutica na Aquisição e Melhora de Competências Psicomotoras e Matemáticas- Um Estudo de Caso em indivíduos com Deficiência Intelectual”, concluem que jovens adultos com deficiência intelectual manifestam melhoras nos conceitos matemáticos com a Equoterapia, porém, este estudo ocorreu durante 9 meses, com sessões semanais, com intervalo de 2 meses para férias, tendo portanto, no mínimo, a realização de 28 sessões .

Esta informação, apóia a importância das intervenções para o desenvolvimento de habilidades cognitivas comportamentais serem em número maior de 8 sessões para ter uma significância estatística, como afirma Fávero (2015).

Para a habilidade cognitiva da atenção, foi utilizado o TAC, que avalia a atenção seletiva e a alternância de foco. Quando dividido por sexo, observou-se aumento da média tanto nos participantes do sexo feminino como masculino no grupo experimental, já no grupo de controle houve um rebaixamento da média dos participantes do sexo feminino e um aumento da média dos participantes do sexo masculino.

Observou-se também que a média para o TAC do grupo experimental era menor que o grupo de controle no pré-teste, e que apesar de não haver uma significância estatística houve um aumento da média no pós teste do grupo experimental em ambos os sexos.

Arezes (2017) em sua tese de mestrado intitulada “Estudo de caso sobre os benefícios da equitação terapêutica na aquisição/melhoria de competências psicomotoras e matemáticas”, por meio dos dados coletados em entrevistas com profissionais de Equoterapia e da Associação de Amigos da Pessoa Especial Limiana, refere que os exercícios com cavalos contribuem não só para a estimulação motora, emocional e sensorial, mas também com os aspectos cognitivos.

Walter (2013) cita que as atividades com cavalos favorecem a autoconfiança, aumentam os períodos de atenção e possibilitam maior concentração, porém não cita qual o número de sessões para verificação desta alteração de resultados.

Mota (2006) em seu estudo com o PAEDA para o trabalho com a memória, atenção e linguagem oral, teve resultados estatisticamente significativos no ganho da atenção com 24 sessões de equoterapia.

Portanto, para esta habilidade cognitiva, também sugere-se o aumento do número de sessões com o PAEDA.

No que se refere a Consciência Fonológica, este estudo indicou uma diferença de média para o grupo experimental, posteriormente a intervenção com o PAEDA, tanto para o grupo do sexo masculino como para o grupo do sexo feminino, porém não foi significativa estatisticamente.

O interessante nesta habilidade, é que de acordo com os valores de cut-offs, para a PCFF, de início a pontuação do grupo experimental foi considerada muito baixa, de modo que a pontuação padrão foi < 70 , sendo que na reavaliação o mesmo grupo obteve uma pontuação média $P=102,2$ (Pontuação padrão entre 85 e 114 = média). Já o grupo controle, obteve uma pontuação padrão baixa (Pontuação padrão entre 70 e 84 = baixa), na avaliação inicial e na reavaliação percentualmente se encontravam na média (Pontuação padrão entre 85 e 114 = média; Seabra, Dias e Capovilla, 2013).

Para apoiar este resultado, Capovilla e Capovilla (2009), demonstram que o treino de consciência fonológica produz ganhos importantes em crianças de nível socioeconômico baixo, de modo que o desempenho de crianças treinadas aumentem mais do que em crianças que não participem de programas de intervenção específicos.

Crianças que estão matriculadas em uma escola regular e diariamente expostas à processos de aprendizagem da leitura e escrita, também desenvolvem a consciência fonológica. (Santos, 2007).

De acordo com Vayer e Roncin (1990) o termo desenvolvimento é compreendido como progresso, evolução, crescimento, de modo que o tempo tem uma influencia em tal desenvolvimento, considerando as estruturas pessoais, ambientais, aumento de capacidades e compreensão.

Mota (2012) demonstra significância estatística no aumento de consciência fonológica pós intervenção com o PAEDA em um grupo de 20 sujeitos com idades entre 8 anos e 3 meses e 13 anos e três meses, após 24 sessões de equoterapia no PAEDA, com duração de 2 horas e frequência de 2 vezes por semana, utilizando as etapas de aquecimento, execução da atividade e compartilhamento propostas no programa.

Uma reflexão que se faz importante é sobre a aprendizagem do teste (Lazar et al, 2010), isto é, a reavaliação ocorreu dois meses depois da avaliação, podendo, os participantes lembrarem do teste e possuírem mais facilidade no momento de pós teste.

E por, fim, vale enfatizar que uma uma reflexão se faz importante quanto à quantidade de sessões (oito sessões), nas quais, sub entende que não foi suficiente para o desenvolvimento significativo estatisticamente de habilidades cognitivas.

Mediante os resultados apresentados, as hipóteses, **H1** o PAEDA poderá ser um programa eficaz para ser utilizado como oficina inclusiva na escola de tempo integral e, **H3** o grupo experimental terá melhora na Consciência Fonológica superior ao grupo de controle, foram aceitas. Em contrapartida, as hipóteses **H2** o grupo experimental terá melhor desempenho escolar, no que se refere a escrita e aritmética que o grupo de controle e, a **H4** grupo experimental terá melhora nas habilidades cognitivas de atenção em relação ao grupo de controle, foram rejeitadas. Como recomendações, pesquisadores devem escolher uma única habilidade a ser trabalhada e aumentar o número de sessões, como refere em seu estudo com 24 sessões de Equoterapia com crianças com diagnóstico de Dislexia (Mota, 2012).

Um maior número de sessões possibilitará a repetição de atividades e objetivos, como relata Villar (2010) a aprendizagem é um processo de aquisição de informação e de padrões de comportamento, que se reflete no aumento das competências e na mudança do comportamento depois da prática e repetição de experiências.

VI. CONCLUSÃO

Podemos concluir que o PAEDA como oficina inclusiva na ETI, foi de extrema importância para estimular a aquisição de habilidades cognitivas e de consciência fonológica que contribuem para a aprendizagem e desempenho escolar, como também para a motivação das criança do 3º ano do ensino fundamental das ETI.

Não obstante, faz-se importante ressaltar que, de acordo com todas as considerações apontadas na discussão dos resultado, considera-se que, se foram encontrados benefícios do PAEDA para crianças do ensino de tempo integral, eles foram para a consciência fonológica e não, com este número de sessões, para as habilidades de atenção, aritmética e escrita. Embora sendo apenas uma tendência (não alcançando significância estatística), esses resultados trazem contribuições importantes para a área.

Em primeiro lugar, foi um desafio encontrar estudos brasileiros que visam avaliar a eficácia de programas de treinamento de habilidades cognitivas e habilidades de consciência fonológica na escola de tempo integral. Assim, a iniciativa se faz pioneira.

Muitos artigos sobre a Equoterapia nas suas diversas nomenclaturas utilizadas mundialmente foram encontrados, mas nenhum específico em relação ao PAEDA, ou mesmo a Equoterapia como oficina inclusiva na ETI. A maior parte dos artigos referem-se aos benefícios físicos da Equoterapia para para praticantes com paralisia cerebral, transtorno do espectro autista, síndrome de Down, dentre outros.

Nas buscas, um trabalho semelhante foi encontrado em uma fazenda “Jugendfarm Elsentel” em Stuttgart, na Alemanha sendo a única referência encontrada pela autora, que cita a Equitação Terapêutica (Equoterapia), como abordagem de uma nova pedagogia inclusiva para crianças e adolescentes. Trabalham com os cavalos para o desenvolvimento da capacidade de conviver em grupos, ter relacionamento saudável com o ambiente, os animais e a natureza, e trabalham com habilidades cognitivas, citando, os sentidos, o equilíbrio, a propriocepção e a habilidade de inteligência emocional. E que além da montaria, atuam fortemente nas atividades de manejo, alimentação, encilhamento dentre outros contextos (Gäng e Boehm, 2016), como citado no PAEDA.

Em segundo lugar, apesar das ETI terem percorrido um longo caminho, desde Anísio Teixeira, no Brasil, ainda têm que superar diversas problemáticas, dentre elas as possibilidades pedagógicas que integrem diversos conteúdos e se faça motivadora dentro de um tempo ampliado do aluno no contexto escolar, portanto, ações inovadoras se fazem necessário para uma nova escola, que instigue o desejo de aprender nos mais diversos contextos e de uma maneira inclusiva. Nesse sentido, o presente trabalho também representa um avanço.

A recomendação, é que os centros de equoterapia existentes em cada município possa fazer parcerias com as ETI, e deste modo acompanhar os alunos durante todo o ano letivo, assim, o número de sessões é ampliado e as possibilidades de oficinas inclusivas com a equoterapia se torna uma realidade de relacionamento com a comunidade.

Desta forma, o PAEDA, recomenda-se a continuidade de estudos como este, levando a Equoterapia com o programa PAEDA, como oficina inclusiva na Escola de Tempo integral, podendo vir a ser um prática contemporânea e inovadora para os municípios que possuem Centros de Equoterapia com formação no Programa, e com possibilidade de parceria com o setor público.

O PAEDA, pode ser oferecido como uma oficina inclusiva, em um espaço apropriado, como os centros de Equoterapia.

Trata-se, portanto, de uma proposta não desvinculada do contexto educacional e social, sendo bastante pertinente para o encaminhamento da solução de alguns problemas hoje encontrados na escola regular, pois a grande ênfase é como realizar uma escola de período integral sem estrutura física necessária para as diversas atividades inovadoras que precisam compor um currículo diferenciado, linguagens diversificadas e espaços específicos.

Em terceiro lugar, este estudo possibilitou a reflexão da autora quanto alteração do nome do programa PAEDA- Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem para PAEDHA- Programa de Atendimento Equoterápico no Desenvolvimento de Habilidades.

Pois, de início, na prática e em outros estudos, o programa foi aplicado ao público com

Dislexia, ou seja, um tipo de Distúrbio de aprendizagem, e observou-se a possibilidade de aplicação no público com dificuldades de aprendizagem advindas de outras causas, e até em crianças que não tem diagnóstico e possuem dificuldades de acompanhar o programa escolar.

Andrade et ali (2014) chamam a atenção para a diferença entre dificuldade de aprendizagem e transtorno (neste trabalho chamado como distúrbio) de aprendizagem. Os autores referem que as dificuldades são advindas de fatores extrínsecos à criança, como condições socioeconômicas e culturais, fatores familiares, ambiente escolar, metodologia de ensino e problemas emocionais. E os transtornos referem-se aos fatores intrínsecos ao aluno, ou seja, fatores genético-neurológicos, como a dislexia, discalculia, disgrafia, déficit de atenção com ou sem hiperatividade.

Além deste motivo, a nomenclatura utilizada na sigla PAEDA refere-se ao termo Distúrbio de Aprendizagem, e conforme o DSM V (2014) o termo adequado na atualidade seria Transtorno de Aprendizagem. Portanto, como Programa de Atendimento Equoterápico no Desenvolvimento de Habilidades (PAEDHA), o foco está no desenvolvimento de qualquer público, e não apenas nos sintomas ou diagnósticos, sendo desta forma mais abrangente e inclusivo.

Assim chamado, o PAEDHA, pode ir além da intervenção para os Distúrbios de Aprendizagem, pois observou-se que pode ser um programa que desenvolve habilidades de consciência fonológica em um público que não possui deficiência ou demanda, mas está inserido em um programa de ensino de tempo integral, e poderá ser utilizado como oficina inclusiva nas escolas.

Novas questões que se levantam com este estudo são:

É possível a realização de parcerias entre o setor público municipal e os centros de Equoterapia da região?

Os Centros de Equoterapia estão preparados para atender um público escolar com ensino de tempo integral, desenvolvendo habilidades que vão além do benefício motor da Equoterapia?

Uma ETI com oficinas de Equoterapia, terá impacto positivo e relevante no processo e aprendizagem dos alunos?

VII. BIBLIOGRAFIA

Abernethy, B. (1993). Attention. In: Singer, R., Murphey, M., Tennant, L. K. (Ed). *Handbook of research on sport psychology*. New York: McMillan.

Abep. (2019). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. [Em linha]. Disponível em < file:///C:/Users/User/Downloads/01_cceb_2019.pdf >. [Consultado em 29/11/2019].

Alvarez, A. M. M. A. “et alii” (2000). Processamento Auditivo Central: Proposta de Avaliação e Diagnóstico Diferencial. In Munhoz, M. S. L. “et alii” (Ed.). *Audiologia Clínica*. São Paulo: Atheneu.

Araujo, R. & Cuozzo, M. (2003). *Taller de Psicomotricidad en niños com dificultades de aprendizaje*. In *Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales*. [Em linha]. Disponível em < <http://www.iberopsicomot.net/sumarios.html> >. [Consultado em 29/11/2019].

Arezes, L. & Silva, M. R. G. (2018). Benefits of Therapeutic Riding in the Acquisition and Improvement of Psychomotor and Mathematical Skills – A case Study in individuals with Intellectual Disability. *Revista Científica Desporto e Atividade Física para Todos*, 4(1), pp 71-77.

Arezes, L. (2017). *Estudo de caso sobre o benefícios da equitação terapêutica na aquisição/melhoria de competências psicomotoras e matemática*. [Em linha]. Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/6306>

ANDE por extenso. (2016). *Apostila do Curso Básico de Equoterapia*. Brasília, IPPE. Págs?

ANDE por extenso. (2018). *Apostila do Curso Básico de Equoterapia*. Brasília, IPPE. Págs?

Anire. (2019). La riabilitazione equestre 5000 anni di storia . [Em linha]. Disponível em < <http://www.cnranire.eu/cenni-storici/> >. [Consultado em 31/10/2019].

Anjos, I. R. S. (2014). *Dotação e Talento: o que as Pesquisas no Brasil nos Revelam: A escola*

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

e o público-alvo da educação especial: apontamentos atuais. São Carlos: Marquesini & Manzini: ABPEE.

Araújo, T. B. “et alii” (2018). Efeito da equoterapia no equilíbrio de idosos: uma revisão sistemática com metanálise. *Revista Bras. Ciência*, 26 (3), pp. 178-184.

Baccarin, R. Y. A., e Mota, C. C. A.().Equoterapia é um método educacional e terapêutico. [Em linha]. Disponível em <<https://docplayer.com.br/33711820-Apamvet-boletim-equoterapia-metodo-educacional-e-terapeutico-impacto-da-interacao-entre-animais-e-seres-humanos-em-servicos-de-saude.html>>. [Consultado em 15/10/2019].

Bastani, K. M. (2013). Equoterapia e educação inclusiva: um novo olhar pedagógico. *Acervo da iniciação científica*. [Em linha]. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/aic/article/view/412/379>>. [Consultado em 15/10/2019].

Barrios, O., e Torre, S. L. O (2002). *O curso de formação para educadores*. São Paulo: Madras.

Brasil. (1888). *Constituição Federal: artigo 205*. [Em linha]. Disponível em <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_205_.asp>

Brasil. *Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. [Em linha]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 16 dez. 2018.

Brasil. (1996). *Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996*. [Em linha]. Disponível em <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11690895/artigo-34-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>>. [Consultado em 15/10/2019].

Brasil. (2001). *LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394/96, 2.ed.*, Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.

Brasil. (2009). *decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009*. [Em linha]. Disponível em

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm>.

[Consultado em 15/10/2019].

Brasil. (2010). *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*. [Em linha]. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. [Consultado em 15/10/2019].

Brasil. (2014). *Lei 13.005, de 25 de junho de 2014*. [Em linha]. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>>

Brasil. (2019). *Estatuto da Criança e Adolescente, Art 53. Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer*. [Em linha]. Disponível em <https://brasil.mylex.net/legislacao/estatuto-crianca-adolescente-eca-art53_67214.html>. [Consultado em 15/10/2019].

Branco, V. (2012). Desafios para a implantação da Educação Integral: análise das experiências desenvolvidas na região sul do Brasil. *Educação*, 45, pp. 111-123.

Brandão, M. S. (2005). *Distúrbios da Comunicação Humana*. [Em linha]. Disponível em <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6580/BRANDAO,%20MARIANE%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1>> [Consultado em 29/11/2019].

Butler, D. (2000). *The Sensitive Nervous System*. Adelaide, NOI Group.

Boulch, L. (2000). *O desenvolvimento psicomotor do nascimento até os 6 anos* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Bustos, D. M. (1979). *Psicoterapia psicodramática*. São Paulo: Brasiliense.

Capovilla, A.G.S. e Capovilla, F.C. (2002). *Alfabetização: método fônico*. Memnon Edições Científicas.

Capovilla, A., Capovilla, F. C. (2009). Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico. *Psicol. Reflex. Crit.* 13 (1), pp. 07-24.

Cavaliere, A. M. (2010). Anísio Teixeira e a educação integral. *Paidéia*, 20 (46), pp. 249-259.

Cenpec. (2006). *Cadernos Cenpec, educação, cultura e ação comunitária: educação integral*. São Paulo, Cenpec.

Cenpec. (2011). *Tendências para Educação Integral*. São Paulo, Fundação Itau Social.

CENPEC. (2011). *Tendências para Educação Integral*. São Paulo, Ministério da Educação. Planalto do Governo Brasileiro Home Page. [Em linha]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. [Consultado em 04/08/2019].

Cenpec. (2013). *Percursos da Educação Integral em busca da qualidade e da equidade*. São Paulo, SP. Fundação Itaú Social. Cenpec.

Cenpec. (2015). *Guia de Educação Integral*. [Em linha]. Disponível em <<https://guia.educacaoeparticipacao.org.br/por-onde-comecar/>>. [Consultado em 15/10/2019].

Cenpec. (2017). *Itinerário para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais*. São Paulo, SP. Fundação Itaú Social.

Cenpec. (2019). *Educação integral e currículo escolar: análises e proposições baseadas no debate teórico e em experiências em redes públicas de ensino*. São Paulo, SP. Cenpec.

Cenpec. (2018). *Itinerário para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais, parte 2*. São Paulo, SP. Fundação Itaú Social.

Chelini, M.O., e Otta, E. (2016). *Terapia Assistida por animais*. Barueri, SP. Manole.

Collares, C. A. L., e Moysés, M. A. A. (1993). *A História não Contada dos Distúrbios de Aprendizagem*. Campinas, SP, Papyrus.

Coelho, A. M. T. (2010). *Diferenciação pedagógica na escola actual: da teoria à prática*. [Em linha]. Disponível em <<http://hdl.handle.net/11328/21>>. [Consultado em 04/08/2019].

Conselho Federal de Fonoaudiologia. (2005). *Equoterapia: saiba como a fonoaudiologia está inserida*. [Em linha]. Disponível em <<https://www.fonoaudiologia.org.br/publicacoes/CFFa26.pdf>>. [Consultado em 15/10/2019].

Conselho Federal de Medicina. (1997). *Equoterapia Processo-consulta cfm nº 1.386/95 PC/CFM/Nº06/97*. [Em linha] Disponível em http://www.portalmedico.org.br/pa-receres/CFM/1997/6_1997.htm>. [Consultado em 31/10/2019].

Conselho Regional de Fonoaudiologia (2019). Parecer do Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região Nº 02/2019 "Dispõe sobre a atuação do fonoaudiólogo na Equoterapia. [Em linha] Disponível em <http://www.fonosp.org.br/images/Legislacao/Pareceres2Regiao/Parecer_equoterapia.pdf>. [Consultado em 15/11/2019].

Costa, G. A. P. (2006). *Vivência de pais – um instrumento mediador entre a família e os recursos utilizados neste método terapêutico*. [Em linha]. Disponível em <<https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>> [Consultado em 29/11/2019].

Dewkett, M.N., Brady, H. A., e Fernandes S. H. M. (2016). *The comprehensive guide to equine-assisted activities and therapies*. Indianapolis, IN, Do Ear.

Debusse D. (2006). *Hipoterapia, uma excelente oportunidade para o Aprendizado motor: uma discussão de fatores neuromotores e psicológicos*. [Em linha]. Disponível em <<https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>>. [Consultado em 29/11/2019].

Eagala. (2015). *Fundamentos del modelo Eagala*. Santanquin, UT, Eagala.

Éboli, T. (1983). *Uma experiência Integral*. Rio de Janeiro, RJ. Fundação Getúlio.

ENE por extenso. (2010). *Manual de apoio à formação: técnicos de saúde e educação terapêutica*. Lisboa: Escola Nacional de Equitação.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Ferreira, W. B. (2005). *Educação Inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos? Inclusão - Revista da educação especial*. V:1 Outubro/2005 pp. 40-46 <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf> Consultado em 30/9/18

Feurstein, R. Y., Rand, F. L. e Feuerstein, R. S. (2006). *The Feuerstein Instrumental Enrichment Program* (edição revisada). ICELP.

Ferreira, G. A. S. (2018). *A função social da escola de formação integral: um estudo da proposta pedagógica da escola parque anísio teixeira de ceilândia – distrito federal*. [Em linha]. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/20566/1/2018_GuilhermeAugustoDaSilvaFerreira_tcc.pdf>. [Consultado em 15/10/2019].

Freire, H. B. G., Andrade, P. R., e Motti, G. S. (2005). Equoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas. *Multitemas*, 32, pp. 55-66.

Fleming S. P., e Newra, T. R. (2006). *Transtornos da linguagem*. Porto Alegre, Art med.

Gäng M., e Boehm, S. (2016). *Spielend die Ausgrenzung überwunden*. [Em linha]. Disponível em <<https://elsental.de/inklusion-und-heilpaedagogische-arbeit/>>. [Consultado em 29/11/2019].

Guiar, M., e Tassinari, M. (1999). *O processamento em psicodrama*. São Paulo, Ágora.

Heahl, V. Giuliani, C. & Lewis, C. (1999). Influence of Hippotherapy on the Kinematics and Functional Performance of Two Children with Cerebral Palsy. *Pediatric Physical Therapy*, 11, pp. 89-101.

Itatiba. (2012). *Resolução 03/ 23/2012*. [Em linha]. Disponível em <http://www.itatiba.sp.gov.br/templates/midia/secretarias/educacao/escola_tempo_integral/resolucao_sem_03_2012_escola_periodo_integral.pdf>. [Consultado em 15/10/2019].

Itatiba. (2015). *Lei nº 4.845*. [Em linha]. Disponível em <https://www.novaconcursos.com.br/blog/pdf/lei_4845_2015.pdf>. [Consultado em 25/10/2019].

Itatiba.(2019). [Em linha]. Disponível em <<http://www.itatiba.sp.gov.br/>>. [Consultado em 15/10/2019].

Johnson, D., e Myklebust, H. R. (1983). *Distúrbios de Aprendizagem, princípios e linhas práticas educacionais*. São Paulo, Sp, Edusp.

Knaapen, R. (2016). *Coaching com cavalos: uma abordagem sistêmica*. Curitiba, Pr, Editora Arte.

Kolyniak Filho, C. (2010). Motricidade e aprendizagem: algumas implicações para a educação escolar. *Construção psicopedagógica*, 18(17), 53-66.

Lazar, J., Feng, J. H., e Hochheiser, H. (2010). *Research Methods in Human-Computer Interaction*. Delhi, India.Wiley.

Leclerc, G. F. E., e Moll, J. (2012). Programa Mais Educação: avanços e desafios para uma estratégia indutora da Educação Integral e em tempo integral. *Educar em Revista*, (45), pp. 91-110.

Lermontov, T. (2004). *Psicomotricidade na Equoterapia*. Aparecida, SP. Idéias & Letras.

Layton, L., e Deeny, K. (2004). *Promoção da consciência fonológica em crianças da pré-escola*. In: Snowling, M., Stackhouse e cols (Ed.). *Dislexia fala e linguagem um manual profissional*. Porto Alegre, RS, Artmed, pp. 143- 158.

Lima, S. J. O. (2018). *O Cavalo na equoterapia: e na interface equitação/reabilitação*. Jundiaí, SP, Paco.

Lopes, M. M., Castelo B., V. T. F. e Soares, J. B. (2013). Utilização dos testes estatísticos de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk para verificação da normalidade para materiais de pavimentação. *Transportes*, 21 (1), pp. 59–66.

Lomonaco, B. e Brunsizian, I. (2015). *Organização da Sociedade Civil e escola pública : uma*

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

parceria que transforma. São Paulo, SP. CENPEC. Fundação Itaú Social.

Menezes, E. T. E Santos, T. H. (2019). Verbetes Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. [Em linha]. Disponível em <<https://www.educabrazil.com.br/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova>>. [Consultado em 15/10/2019].

Mecca, T. P. “et alii” (2016). *Cognição Social: teoria, pesquisa e aplicação*. São Paulo, Memnon.

Militão, S. C. N. e Kill, A. N. (2015). A escola de tempo integral no Brasil: trajetória histórica e legal. *Colloquium Humanarum*, 12, pp. 976-984.

Moll, J. et al. (2012). *Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso.

Moraes, J. D. (2009). *Educação integral: uma recuperação do conceito libertário*. Rio de Janeiro, RJ. Faperj.

Moreno, J. L. (1997). *Psicodrama*. São Paulo, Editora Cultrix.

Mota, C. C. (2006). Therapeutic Riding Assist Children. With Learnig Disabilities. In: Macauley, B, (Ed.). *Scientific And Educational Journal of Therapeutic Riding*. Victoria, Australia, Federation of Riding For The Disabled International, pp.11-22.

Mota C. C. (2007). *Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem PAEDA*. São José do rio Preto, SP, 9ª Congresso da Associação Centro – Brasileira de Otorrinolaringologia.

Mota, C. “et alii” (2011). Fonoaudiologia e equoterapia no desenvolvimentos de habilidades cognitivas de crianças com distúrbios de aprendizagem. [Em linha]. Disponível em <http://www.sbfa.org.br/portal/anais2011/trabalhos_select.php?id_artigo=1204&tt=SESS%C3O%20DE%20POSTERS>. [Consultado em 15/10/2019].

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Mota, C. C. (2012). Development of Cognitive Skills and Phonological Awareness in Children with Learning Disorders Under Therapeutic riding in the PAEDA Program. [Em linha]. Disponível em < <http://www.reteitalianaiaa.it/vol103.pdf>> [Consultado em 15/10/2019].

Mota, C. C., e Alcântara, K. C. G. M. (2013). Equoterapia com grupo de pais. *In: Soares, D. F. G. S. “et alii” (Ed.). Equoterapia Teoria e prática no Brasil.* Minas Gerais, MG, Funec, pp. 567-586.

Mota, C. C. (2018). *Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem.* Itatiba, São Paulo, Instituto Passo a Passo Equoterapia.

Mota, C. C. (2019). *Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem.* Itatiba, São Paulo, Instituto Passo a Passo Equoterapia.

Mota, C. C. (2006). Programa de atendimento equoterápico nos Distúrbios de aprendizagem. [Em linha]. Disponível em < <https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf>> [Consultado em 29/10/2019].

Moojen, S. (2003). *Consciência fonológica instrumento de Avaliação Sequencial.* São Paulo. Casa do psicólogo.

Nunes, C. (2000). Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. *Educação*, 21 (73), pp 9-40.

Ohtani, N., “et alii” (2017). Horseback Riding Improves the Ability to Cause the Appropriate Action (Go Reaction) and the Appropriate Self-control (No-Go Reaction) in Children. [Em linha]. Disponível em < <https://sci-hub.tw/10.3389/fpubh.2017.00008>>. [Consultado em 28/11/2019].

Oliveira, M., e Nunomura, M. (2012). A produção histórica em ginástica e a construção desse campo de conhecimento na atualidade. *Conexões*, 10, 80- 97.

Oliveira, A. B. . “et alii” (2012). O Cavalo como Agente terapêutico: umaExperiência de intervenção com a Equoterapia. [Em linha]. Disponível em < <http://www.ulbraitum>

biara.com.br/wp-content/uploads/2012/09/anais.pdf > [Consultado em 28/11 /2019].

Pacheco, J., e Pacheco M. F. (2015). *A escola da Ponte*. São Paulo: Cortez.

Paim, F. F., e Kruehl, C. S. (2012). Interlocução entre Psicanálise e Fisioterapia: conceito de corpo, imagem corporal e esquema corporal. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 158-173.

Pires, J. G. F. P. (2018). Análise da Biomecânica da escovação do cavalo realizada por um indivíduo sadio e suas contribuições para Equoterapia. [Em linha]. Disponível em <<http://congresso.equoterapia.org.br/images/programas-e-resumos.pdf> > >.[Consultado em 25\10\ 2019].

Presidência da República. (2009). *Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009*. [Em linha]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Le/L11947.htm>.[Consultado em 25\10\ 2019].

Presidência da República. (2019). *Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019*. [Em linha]. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13830.htm> [Consultado em 31\10\2019].

Presidência da República. (2011). *Lei no 10.172, de 9 de janeiro de 2001*. [Em linha]. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/10172.htm>. [Consultado em 25\10\2019].

Presidência da República. (2019). *Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019*. [Em linha]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13830.htm>. [Consultado em 25\10\ 2019].

Prestes, D. B., e Araújo J. C. O. (2010). A equoterapia no desenvolvimento motor e autopercepção de escolares com dificuldade de aprendizagem. *Ciências & Cognição*. 15 (3), pp. 192-203.

Relvas, M. P. (2008). *Neurociência e transtornos de aprendizagem – as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva*. Rio de Janeiro, EJ. WAK.

Ribeiro, M. L. A., e Piantino, A. C. (2017). A participação do Pedagogo na Equoterapia. *Educação Saberes e Prática*, 5 (1).

Rodrigues, M. S., Oliveira, E., e Andri, S. (2015). Equoterapia na Reabilitação Neuropsicológica do Indivíduo com A Síndrome do X-Frágil. [Em linha]. Disponível em <http://equoterapia.org.br/submit_forms/index/miid/192/a/dd/did/5665>[Consultado em 31\10\2019].

Santos, P. F. B. (2012). Educação Não Formal e Equoterapia: O galope do educador na arena da terapia. [Em linha]. Disponível em <https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-Priscila-Fernanda-Bertola-dos-Santos2.pdf>[Consultado em 31\10\2019].

Santos, J. V. “et alii” (2018). Inteligência emocional: revisão internacional da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. 9 (2), pp. 78-99.

Santos, D. M. “et alii” (2018). A influência da pedagogia freinet na função do professor no contexto educativo e sua proposta para uma escola moderna. *Pedagog. Foco*, 13 (9), pp. 52-64.

Santos, J. V. . “et alii” (2018). *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. 9,(2), pp. 78-99.

Santos, M. T. M. (2012). *Vocabulário, consciência fonológica e nomeação rápida: contribuições para a ortografia e elaboração escrita*. *J. Soc. Bras. Fonoaudiol.* 24(3), pp. 269-75

Santos, M.T.M., e Lopes, D. M. B. (2007). Vocabulário, consciência fonológica e nomeação rápida: contribuições para ortografia e elaboração escrita. *J Soc Bras Fonoaudiol.* 24(3), pp. 269-75.

Santos, M. T. M., e Befi-Lopes, D. M. (2012). Vocabulário, consciência fonológica e nomeação rápida: contribuições para a ortografia e elaboração escrita. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 24(3) pp. 269-275.

Sánchez, P.A. (2005). A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. *Inclusão- Revista da educação especial*, 1, pp.7-18.

Secretaria de Educação. (2013). *Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE)*. [Em linha]. Disponível em <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>> [Consultado em 29/11/2019].

Severo, J. T. (2010). *Equitação, saúde e educação*. São Paulo, SP. Senac.

Semis. (2017). O que muda no novo mais educação. [Em linha]. Disponível em <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1724/o-que-muda-no-novo-mais-educacao>>. [Consultado em 15/10/2019].

Shumway-cook, A., e Woollacott, M. (2001) *Motor Control: Theory and Practica., Applications*. Baltimore, Williams & Wilkins.

Silva, N. A. (2013). Período integral na escola: quais as dificuldades e possibilidade para sua efetivação de forma concreta. [Em linha]. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_ped_artigo_neide_alves_silva.pdf>. [Consultado em 15/10/2019].

Silva, M. (2014). Pensar Equoterapia como um Espaço Pedagógico. [Em linha]. Disponível em <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/623/1/2014MarianidaSilva.pdf>>. [Consultado em 15/10/2019].

Silva, A. F., e Silva, R. B. (2017). O papel da psicologia na equoterapia: Uma clínica extra muros. *Revista Fluminense de Extensão Universitária*, 07 (2), pp. 08-16.

Stein, L. M. (1994). *Teste de Desempenho Escolar*. São Paulo. Casa do Psicólogo.

Steven, M., e Blakemore, C. (2004). *Plasticity in the Adult Human Brain: The Cognitive Neurosciences*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Soares, J. G.A. “*et alii*” (2017). Desafios e Dificuldades na Implementação do Programa Mais Educação: percepção dos atores das escolas. *Educação & Realidade*, 42 (3), pp. 1059-1079.

Sousa, A. B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa, PT. Livros Horizonte.

Soares, J. F. (2004). O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. *Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*. 2 (2).

Souza, M. O. S. (2013). A afetividade do educador na promoção de atitudes de inclusão no contexto da educação pré escolar. [Em linha]. Disponível em <<https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3992/1/TESE%20S%C3%B3nia%20Sousa%20%28Corpo%29.pdf>>. [Consultado em 15/10/2019].

Suple, M. (1986). Reading and articulation. *British Journal o Audiology*, 20, 209-21.

Tavares, C. (2009). *Educação integral, educação contextualizada e educação em direitos humanos: reflexões sobre seus pontos de intersecção e seus desafios e seus desafios*. *Acta Scientiarum*, 31 (2), pp. 141-150.

Tullio, M. I. (2015). *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE Produções Didático-Pedagógicas*. [Em linha]. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_port_pdp_mirian_izabel_tullio.pdf>. [Consultado em 29/11/2019].

Unicef por extenso, Declaração Mundial sobre Educação para Todos. (1990). [Em linha]. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>>. [Consultado em 15/10/2019].

Vayer, P., Roncin, C. (1990). *Psicologia atual e Desenvolvimento da criança*. São Paulo, SP. Manole Dois.

Valle, L. M. O., Nishimori, A. Y., e Nemr, K. (2014). Atuação fonoaudiológica na equoterapia. *Revista CEFAC*, 16(2), pp. 511–523.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Vieira, M.G. (2005). Memória de trabalho e consciência fonológica no desvio fonológico.). [Em linha]. Disponível em <<https://fonapli.paginas.ufsc.br/files/2013/03/MICHELE-G-VIEIRA.pdf>>[Consultado em 29/11/2019].

Vilar, C. E. C. (2010). Dificuldades de Aprendizagem e Psicomotricidade – Estudo comparativo e correlativo das competências de aprendizagem académicas e de factores psicomotores de alunos do 2º e 4º ano do ensino básico, com e sem dificuldades na aprendizagem. [Em linha]. Disponível em < <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2828/1/Mestrado%20Dificuldades%20de%20Aprendizagem%20e%20Psicomotricidade.pdf>. [Consultado em 15/11/2019].

Ventura, T. (2014). *Crianças especiais. Educação Inclusiva. Investigando como se educa*. Portugal, Sousa e Coelho.

Walter, G. B. (2013). *Equoterapia fundamentos Científicos*. São Paulo, Editora Atheneu.

Walter, G. B. (2006). Cavalo e psicologia - a busca pela melhor qualidade de vida em neuroses e psicoses. . [Em linha]. Disponível em < <https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/cavalos.pdf> >. [Consultado em 29/11/2019].

Wechsler, S. M., e Schelini, P. W. (2006). Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock-Johnson III: validade de construto. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 22, pp. 287-295.

VIII. ANEXOS

Anexo I. Autorização para realização da pesquisa

Itatiba, 21/08/2018.

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Venho por meio deste, solicitar autorização para a realização da pesquisa:

“A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O PAEDA COMO OFICINA INCLUSIVA NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL”, sob minha responsabilidade, conforme folha de rosto para apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, na Prefeitura do Município de Itatiba, pela Secretaria da Educação e seu núcleo CAEPI. O objetivo é validar o programa para o ensino de tempo integral.

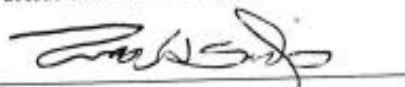
A coleta de dados será realizada na própria escola por uma equipe multiprofissional do Instituto Movimento Qualivida, CNPJ 07644567/0001-40 e será feita através dos instrumentos de pesquisa em anexo. A intervenção será realizada na sede da Instituição, localizada a Rua Lindolpho Cabral Leal, 133, Moenda, Itatiba/SP, Brasil.

Atenciosamente,


Claudia da Costa Mota

Pesquisadora Responsável

De acordo em 21/08/2018



(Nome, cargo / carimbo)

Anderson Wilker Sanfins
RG: 23.785.306-1
Secretário da Educação

Anexo II. Declaração de Consentimento Informado

Itatiba, ___/___/_____.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo:

EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O PAEDA (Programa de atendimento equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem) como oficina inclusiva no ensino de tempo integral.

Eu, abaixo-assinado, (nome completo) -----
-----responsável pelo participante no projecto (nome completo) -----
-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.
Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ___/___/ 20__

Assinatura do participante no projecto:

O Investigador responsável: Claudia da Costa Mota



Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

Anexo III. Avaliação Social

Avaliação Social

Data:

I- Identificação

Nome: _____ Data de nasc.: _____

Endereço: _____ Bairro: _____

Fone: _____ Mãe: _____

Profissão: _____ Pai: _____ Profissão: _____

Empresa: _____

Existe queixa familiar : _____ Existe algum diagnóstico médico: _____

Escola? _____ Horário: _____

II- Condição Habitacional

Tipo: Casa () Apto () Cômodos () Moradia Coletiva ()

Condição: Própria () Alugada R\$ _____ Cedida por: _____

Financiada R\$ _____

Nome: _____

Parent.: _____

Est. Civil: _____

D. Nasc: _____

Instrução: _____

Escola / Local de trab. Profissão: _____

Renda: _____

Tipo de Construção: Alvenaria () Tábua () Outros:

Água: Encanada () Poço () Rio () Outros:

Esgoto: Rede de esgoto () Fossa () Outros:

Luz: Elétrica () Relógio Próprio () Rel Comunitário () Outros:

Lixo: Coletado () Queimado () Seletivo () Outros:

Condições de Saúde

Possui Convênio Médico? _____ Qual? _____ () Particular ()
Empresa

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Faz Algum Tratamento? _____ Qual? _____

Medicação: _____

Faz alguma terapia ? _____ Quais?

Faz reforço escolar?

III- Composição Familiar

Estado Civil dos Pais: Casados () Separados () Viúvos () qual? _____

Amasiados ()

Relacionamento Familiar / Observações: _____

IV- Situação Financeira

Renda Familiar: R\$ _____ Renda Per Capita:
R\$ _____

Recebe Algum Benefício do Governo? _____ Qual? _____
R\$ _____

Recebe Cesta Básica? _____ De Onde? _____ Há quanto
Tempo? _____

Despesas Fixas: Água: _____ Luz: _____ Telefone: _____ Moradia: _____ Educação:
_____ Saúde: _____

Outros:

V- Outras Informações

Responsável pelas Informações
Assistente Social

Anexo IV. Termo de Colaboração

TERMO DE COLABORAÇÃO

TEMA: EQUOTERAPIA NA ESCOLA: o PAEDA (Programa de atendimento equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem) como oficina, oficina inclusiva no ensino de tempo integral.

Eu, abaixo-assinado, (nome completo do colaborador do estudo) _____, RG _____, CPF _____, profissão _____, aceito colaborar com este estudo, a fim de validar tal metodologia para a melhoria da educação inclusiva. Minha colaboração será na aplicação do Programa, para qual fui devidamente treinada e orientada, como também nos processos de avaliação e reavaliação dos participantes.

Também me foi esclarecido que:

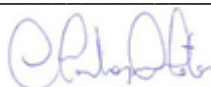
- 1) A presente pesquisa visa fins unicamente académicos, não sendo a mesma realizada para fins de pesquisa de mercado ou afins;
- 2) O (A) participante deverá participar dessa pesquisa por livre e espontânea vontade. Qualquer tipo de coação, se descoberta posteriormente, invalidará automaticamente a mesma;
- 3) O resultado da pesquisa estará à disposição dos participantes para uma posterior consulta no centro académico da referida instituição;

Aceite em ____/____/____

Assinatura:

Assinatura da Pesquisadora responsável

Costa Mota



A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Anexo V. Autorização do Comitê de Ética



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

*Da comissão à aluna
& coordenadora.*
[Handwritten signature]
12.04.2019

Exmo. Senhor
Prof. Doutor Pedro Reis
Diretor da FCHS

Porto, 08 de Abril de 2019

Exmo. Senhor Prof. Doutor,

A Comissão de Ética, depois de reapreciado o projeto de investigação de Cláudia Mota, intitulado "A equoterapia na escola: o PAEDA como oficina inclusiva na escola de tempo integral", e realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor, considera o estudo pertinente com o título e objetivos concordantes.

A Comissão de Ética nada tem a por à realização do estudo.

Com os melhores cumprimentos.

A Presidente da
Comissão de Ética da UFP

Susana Teixeira
Susana Teixeira Magalhães

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Anexo VI. Prova de Consciência Fonológica por Escolhas de Figuras

Prova de Consciência Fonológica por escolha de Figuras (PCFF)

Prova de Consciência Fonológica por escolha de Figuras – PCFF

(Capovilla e Seabra)

- Caderno de Aplicação -

Fernando César Capovilla * Alessandra Gotuzo Seabra

Descrição, evidências de validade e dados normativos em:

Capovilla, F. C.; Seabra, A. G. (2012). Teste de Consciência Fonológica por escolha de Figuras. Em: A. G. Seabra, & N. M. Dias (Org.), Avaliação neuropsicológica cognitiva: Inguagem oral. Vol. 2. (pp. 132-165). São Paulo: Memnon.

Seabra, A. G. Evidências de validade e de fidelidade da Prova de Consciência Fonológica por escolha de Figuras. Em: A. G. Seabra, & N. M. Dias (Org.), Avaliação neuropsicológica cognitiva: Inguagem oral. Vol. 2. (pp. 123-128). São Paulo: Memnon.

Seabra, A. G.; Dias, N. M.; Machalous, N.; Haberman, I. S.; Soares, J. V. T.; Gütschow, C. R. D. Dados normativos da Prova de Consciência Fonológica por escolha de Figuras. Em: A. G. Seabra, & N. M. Dias (Org.), Avaliação neuropsicológica cognitiva: Inguagem oral. Vol. 2. (pp. 129-131). São Paulo: Memnon.

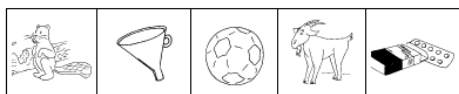
Para eficácia ótima da aplicação deste teste, imprima este Caderno de Aplicação da Prova de Consciência Fonológica por escolha de Figuras (PCFF) em papel tamanho carta (21,59 cm x 27,94 cm).

Nome: _____ Série: _____
Data nascimento: ___/___/___ Data de aplicação: ___/___/___
Escola: _____
Total: _____
Dados: _____

A) Rima

Instruções

Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos em cada linha. Nós temos: castor, funil, bola, boque e remédio. Eu vou dizer uma palavra, e vocês devem escolher qual desenho termina com o mesmo som que essa palavra. Por exemplo, olhem os desenhos dessa primeira linha. Qual desenho termina igual a palavra "cola"? Prestem atenção, olhem todos os desenhos e verifiquem qual tem um nome que combina com "cola". Castor termina igual cola? Não. Funil termina igual cola? Também não. Bola termina igual cola? Sim, as duas têm o mesmo som. BOLA e COLA terminam com o mesmo som. Então vamos fazer um X na bola. E boque, termina igual cola? Não. E esse último desenho, remédio. Termina igual cola? Também não. Então, desses cinco desenhos, o que termina igual COLA é BOLA. Por isso fazemos um X na bola.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos cinco desenhos. Os desenhos são: televisão, beliche, galo, pilão, rato. Qual desses desenhos termina igual "mato"? Prestem atenção, olhem todos os desenhos e verifiquem qual tem um nome que combina com "mato". Façam um X no desenho que combina com mato, que termina igual mato. Televisão termina igual mato? Não. Beliche termina igual mato? Também não. Galo termina igual mato? Também não. E pilão, termina igual mato? Não. E esse último desenho, rato. Termina igual mato? Sim, os dois têm o mesmo som. RATO e MATO terminam com o mesmo som. Então vamos fazer um X no rato. Então, desses cinco desenhos, o que termina igual MATO é RATO.

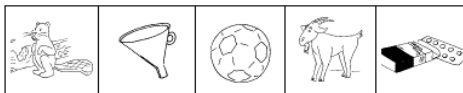


Entenderam?
Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo.
Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

A) Rima

Instruções

Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos em cada linha. Nós temos: castor, funil, bola, boque e remédio. Eu vou dizer uma palavra, e vocês devem escolher qual desenho termina com o mesmo som que essa palavra. Por exemplo, olhem os desenhos dessa primeira linha. Qual desenho termina igual a palavra "cola"? Prestem atenção, olhem todos os desenhos e verifiquem qual tem um nome que combina com "cola". Castor termina igual cola? Não. Funil termina igual cola? Também não. Bola termina igual cola? Sim, as duas têm o mesmo som. BOLA e COLA terminam com o mesmo som. Então vamos fazer um X na bola. E boque, termina igual cola? Não. E esse último desenho, remédio. Termina igual cola? Também não. Então, desses cinco desenhos, o que termina igual COLA é BOLA. Por isso fazemos um X na bola.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos cinco desenhos. Os desenhos são: televisão, beliche, galo, pilão, rato. Qual desses desenhos termina igual "mato"? Prestem atenção, olhem todos os desenhos e verifiquem qual tem um nome que combina com "mato". Façam um X no desenho que combina com mato, que termina igual mato. Televisão termina igual mato? Não. Beliche termina igual mato? Também não. Galo termina igual mato? Também não. E pilão, termina igual mato? Não. E esse último desenho, rato. Termina igual mato? Sim, os dois têm o mesmo som. RATO e MATO terminam com o mesmo som. Então vamos fazer um X no rato. Então, desses cinco desenhos, o que termina igual MATO é RATO.



Entenderam?
Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo.
Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

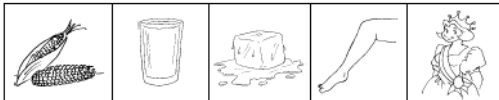
B) Aliteração

Instruções

Vamos fazer um jogo parecido, mas agora temos que ver quais palavras começam igual. Vamos prestar atenção no começo das palavras. Vamos olhar esta primeira linha. Temos cinco desenhos: morcego, cabeça, vestido, peteca e menino. Eu vou dizer uma palavra e vocês devem escolher qual desenho começa com o mesmo som que essa palavra. Por exemplo, olhem os desenhos dessa primeira linha. Qual desenho começa igual a palavra "cachorro"? Prestem atenção, olhem todos os desenhos e verifiquem qual tem um nome que combina com "cachorro". Morcego começa igual cachorro? Não. Cabeça começa igual cachorro? Sim, as duas têm o mesmo som. CABEÇA e CACHORRO começam do mesmo jeito, com CA. Então vamos fazer um X na cabeça. E o vestido, começa igual cachorro? Não. E peteca, começa igual cachorro? Também não. E o último desenho, menino. Começa igual cachorro? Não. Então, desses cinco desenhos, o que começa igual CACHORRO é CABEÇA. Por isso nós fizemos um X na cabeça.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos cinco desenhos. Os desenhos são: milho, copo, gelo, perna e rainha. Qual desses desenhos começa igual "gema"? Prestem atenção, olhem todos os desenhos e verifiquem qual tem um nome que combina com "gema". Façam um X no desenho que começa igual a gema. Milho começa igual gema? Não. Copo começa igual gema? Também não. Gelo começa igual gema? Sim, os dois têm o mesmo som. GELO e GEMA começam com o mesmo som. Então vamos fazer um X no gelo. E a perna, começa igual gema? Não. E esse último desenho, rainha. Começa igual gema? Também não. Então, desses cinco desenhos, o que começa igual GEMA é GELO. Por isso nós marcamos o gelo.



Entenderam?
Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo.
Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

B) Aliteração

1

2

3

4

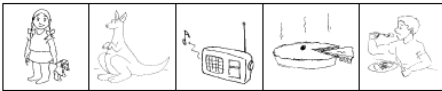
5

C) Adição silábica

C) Adição silábica

Instruções

Agora eu vou dizer algumas palavras, e depois nós vamos colocar mais uma parte nessa palavra, e vamos criar novas palavras. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos em cada linha. Nós temos: menina, canguru, rádio, torta e cometa. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos colocar mais um pedaço nessa palavra, e vai dar um desses desenhos. Por exemplo, a palavra MEIA. Como fica a palavra MEIA se eu colocar o pedacinho CO na frente? Fica COMEIA. Então qual desenho nós vamos marcar? O último, o desenho do COMEIA. Então, desses cinco desenhos, o que fica igual a MEIA colocando CO na frente é COMEIA. Então vamos fazer um X no COMEIA.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos mais cinco desenhos. Os desenhos são: árvore, abraço, martelo, Brasil e escorregador. Qual desses desenhos é igual a AÇO colocando BRA no meio? É difícil, precisamos prestar muita atenção. Olhem a palavra AÇO. Tem duas partes: A - ÇO. Eu quero colocar BRA no meio dessas duas partes. Então vai ficar A-BRA-ÇO, ABRAÇO. Vamos fazer um X no ABRAÇO. Então colocando BRA no meio de AÇO ficou ABRAÇO.



Entenderam?
Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo.
Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

1

2

3

4

5

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

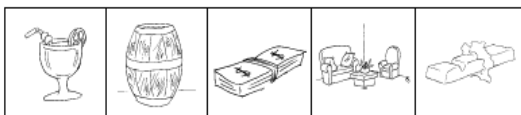
D) Subtração silábica

Instruções

Agora vamos fazer um jogo quase igual, mas nós vamos ver como fica uma palavra tirando um pedaço. Eu vou dizer algumas palavras, e depois nós vamos tirar uma parte dessa palavra, e vamos criar novas palavras. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos em cada linha. Nós temos: colar, tubarão, cavalo, telefone e bandeira. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos tirar um pedaço dessa palavra, e vai dar um desses desenhos. Por exemplo, a palavra DECOLAR. Como fica a palavra DECOLAR se eu tirar o pedacinho DE? Prestem atenção: DECOLAR sem o DE. Fica COLAR. Então, qual desenho nós vamos marcar? O primeiro, o desenho do COLAR. Então, desses cinco desenhos, o que fica igual a DECOLAR retirando o DE é o COLAR. Então vamos fazer um X no COLAR.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos mais cinco desenhos. Os desenhos são: suco, barril, dinheiro, sala e chocolate. Qual desses desenhos é igual a SACOLA retirando o CO? É difícil, precisamos prestar muita atenção. Olhem a palavra SACOLA. Tem três partes: SA - CO - LA. Eu quero tirar o CO. Então vai sobrar SA - LA, SALA. Vamos fazer um X na SALA. Então tirando o CO da SACOLA ficou SALA.



Entende ram?

Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo. Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

D) Subtração silábica



A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

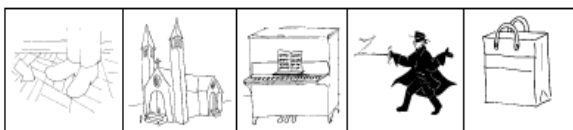
E) Adição fonêmica

Instruções

Agora eu vou dizer algumas palavras, e depois nós vamos colocar mais uma parte nessa palavra, e vamos criar novas palavras. Mas agora nós vamos colocar uma parte pequena, apenas um som. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos em cada linha. Nós temos: céu, vassoura, coco, vela e bermuda. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos colocar mais um pedaço nessa palavra, e vai dar um desses desenhos. Por exemplo, a palavra EIA. Como fica a palavra EIA se eu colocar o pedacinho /V/ na frente? Fica VEIA. Prestem atenção: EIA, colocando apenas esse som: /V/, fica: /V/ - EIA, VEIA. Então qual desenho nós vamos marcar? O desenho da VEIA. Então, desses cinco desenhos, o que fica igual a EIA colocando /V/ na frente é VEIA. Então vamos fazer um X no VEIA.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos mais cinco desenhos. Os desenhos são: piso, igreja, piano, zorro e sacola. Qual desses desenhos é igual a PIO colocando /Z/ no meio? É difícil, precisamos prestar muita atenção. Olhem a palavra PIO. Tem duas partes: PI - O. Eu quero colocar o som /Z/ no meio dessas duas partes. Então vai ficar PI - /Z/ - O, PISO. Vamos fazer um X no PISO, esse primeiro desenho. Então colocando /Z/ no meio de PIO ficou PISO.



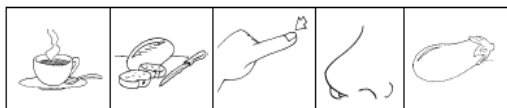
Entenderam?

Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo. Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

F) Subtração fonêmica

Instruções:

Agora vamos fazer um jogo quase igual, mas nós vamos ver como fica uma palavra tirando um pedaço. Também vai ser um pedacinho pequeno, apenas um som. Então eu vou dizer algumas palavras, e depois nós vamos tirar uma parte dessa palavra, e vamos criar novas palavras. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos em cada linha. Nós temos: xicara, pã, unha, nariz e berinjela. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos tirar um pedaço dessa palavra, e vai dar um desses desenhos. Por exemplo, a palavra PUNHIA. Como fica a palavra PUNHIA se eu tirar o pedacinho /R/, que é o som do começo? Prestem atenção: PUNHIA sem o /R/. Fica UNHIA. Então qual desenho nós vamos marcar? O terceiro, o desenho da UNHIA. Então, desses cinco desenhos, o que fica igual a PUNHIA retirando o /R/ é a UNHIA. Então vamos fazer um X na UNHIA.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos mais cinco desenhos. Os desenhos são: torneira, moeda, sanduíche, maço e barriga. Qual desses desenhos é igual a MARÇO retirando o /R/? É difícil, precisamos prestar muita atenção. Olhem a palavra MARÇO. Tem três partes: MA - R - ÇO. Eu quero tirar o /R/. Então vai sobrar MA - ÇO, MAÇO. Vamos fazer um X no MAÇO. Então tirando o som /R/ do MARÇO ficou MAÇO.



Entenderam?

Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo. Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

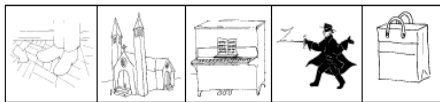
E) Adição fonêmica

Instruções

Agora eu vou dizer algumas palavras, e depois nós vamos colocar mais uma parte nessa palavra, e vamos criar novas palavras. Mas agora nós vamos colocar uma parte pequena, apenas um som. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos em cada linha. Nós temos: céu, vassoura, coco, vela e bermuda. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos colocar mais um pedaço nessa palavra, e vai dar um desses desenhos. Por exemplo, a palavra EIA. Como fica a palavra EIA se eu colocar o pedacinho /V/ na frente? Fica VEIA. Prestem atenção: EIA, colocando apenas esse som: /V/, fica: /V/ - EIA, VEIA. Então qual desenho nós vamos marcar? O desenho da VEIA. Então, desses cinco desenhos, o que fica igual a EIA colocando /V/ na frente é VEIA. Então vamos fazer um X no VEIA.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos mais cinco desenhos. Os desenhos são: piso, igreja, piano, zorro e sacola. Qual desses desenhos é igual a PIO colocando /Z/ no meio? É difícil, precisamos prestar muita atenção. Olhem a palavra PIO. Tem duas partes: PI - O. Eu quero colocar o som /Z/ no meio dessas duas partes. Então vai ficar PI - /Z/ - O, PISO. Vamos fazer um X no PISO, esse primeiro desenho. Então colocando /Z/ no meio de PIO ficou PISO.



Entenderam?

Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo. Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

F) Subtração fonêmica

- 1

--	--	--	--	--
- 2

--	--	--	--	--
- 3

--	--	--	--	--
- 4


--	--	--	--	--
- 5

--	--	--	--	--


A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

F) Subtração fonêmica


1




2




3



4



5



G) Transposição silábica

Instruções:

Agora eu vou dizer uma palavra, e depois nós vamos falar essa palavra de trás para frente, e vamos criar novas palavras. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos: coração, nadô, golfinho, filtro, navio. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos repetir essa palavra, mas de trás para frente. Por exemplo, a palavra DONA. Como fica a palavra DONA se eu falar de trás para frente? Prestem atenção: DONA tem duas partes: DO - NA. Eu vou falar começando pela última parte, pelo NA. Então vai ficar NA - DO, NADO. Então qual desenho nós vamos marcar? O desenho do NADO. Então, desses cinco desenhos, o que fica igual a DONA de trás para frente é NADO. Então vamos fazer um X no NADO.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos mais cinco desenhos. Os desenhos são: tomada, frango, mão, parque e táxi. Qual desses desenhos é igual a TOMA de trás para frente. TOMA tem duas partes: TO e MA. Eu vou começar pelo MA. Vai ficar MATO. Vamos fazer um X no MATO, esse desenho do meio. Então falando TOMA de trás para frente ficou MATO.



Entenderam?

Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo. Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

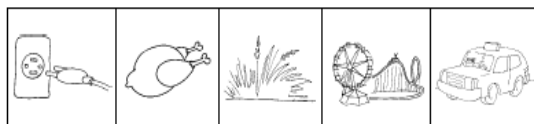
G) Transposição silábica

Instruções:

Agora eu vou dizer uma palavra, e depois nós vamos falar essa palavra de trás para frente, e vamos criar novas palavras. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos: coração, nadô, golfinho, filtro, navio. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos repetir essa palavra, mas de trás para frente. Por exemplo, a palavra DONA. Como fica a palavra DONA se eu falar de trás para frente? Prestem atenção: DONA tem duas partes: DO - NA. Eu vou falar começando pela última parte, pelo NA. Então vai ficar NA - DO, NADO. Então qual desenho nós vamos marcar? O desenho do NADO. Então, desses cinco desenhos, o que fica igual a DONA de trás para frente é NADO. Então vamos fazer um X no NADO.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos mais cinco desenhos. Os desenhos são: tomada, frango, mão, parque e táxi. Qual desses desenhos é igual a TOMA de trás para frente. TOMA tem duas partes: TO e MA. Eu vou começar pelo MA. Vai ficar MATO. Vamos fazer um X no MATO, esse desenho do meio. Então falando TOMA de trás para frente ficou MATO.



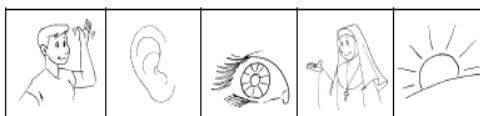
Entenderam?

Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo. Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

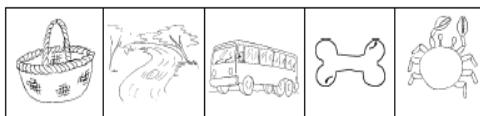
H) Transposição fonêmica

Instruções:

Agora eu vou dizer uma palavra, e depois nós vamos falar essa palavra de trás para frente, e vamos criar novas palavras. Mas agora nós vamos inverter cada som da palavra. É mais difícil, precisamos prestar mais atenção. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos: orelha, olho, freira e sol. Eu vou dizer uma palavra e nós vamos repetir essa palavra, mas de trás para frente, invertendo cada som. Por exemplo, a palavra ALÔ. ALÔ tem três sons: A - L - O. Eu vou começar a falar do último som. A - L - O. Vou começar do O. Vai ficar O - L - A. Vai dar OLÁ. Então qual desenho nós vamos marcar? O desenho do OLÁ. Então, desses cinco desenhos, o que fica igual a ALÔ de trás para frente é OLÁ. Então vamos fazer um X no OLÁ.



Agora vamos olhar esta segunda linha. Nós temos mais cinco desenhos. Os desenhos são: cesta, rio, ônibus, osso e siri. Qual desses desenhos é igual a IRIS de trás para frente. IRIS tem quatro sons: I - R - I - S. Eu vou começar pelo S. Vai ficar SIRI. Vamos fazer um X no SIRI. Então falando IRIS de trás para frente ficou SIRI.



Entenderam?

Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo. Não olhem para os colegas, cada um faz o seu.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

H) Transposição fonêmica

1

2

3

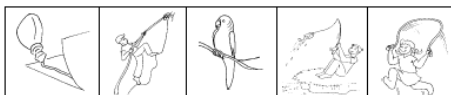
4

5

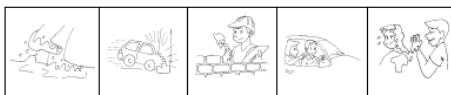
I) Trocadilhos

Instruções:

Agora eu vou dizer duas palavras, mas eu vou dizer de uma forma engraçada. Eu vou falar as palavras de um jeito errado. Vou trocar os sons do começo dessas palavras. Eu vou colocar o som de uma palavra na outra palavra. Então vai ficar errado. Vocês têm que adivinhar o que eu estou dizendo. Vamos olhar esta primeira linha. Nós temos cinco desenhos: colar papel, subir na parede, ave, pescar peixe, e pular corda. Eu vou falar para vocês: CULAR PORDA. Eu estou falando um desses desenhos, mas errado. Estou trocando os sons do começo. Prestem atenção: CULAR PORDA. Vocês acham que CULAR PORDA é CULAR PAPEL, trocando os sons? Não. CULAR PORDA é SUBIR NA PAREDE, trocando os sons? Não. CULAR PORDA é AVE, trocando os sons? Não. CULAR PORDA é PESCAR PEIXE, trocando os sons? Não. CULAR PORDA é PULAR CORDA, trocando os sons? Sim! Prestem atenção nos sons: cular ponda e pular corda. É parecido, não é? Eu troquei os sons do começo. CULAR e PULAR; e PORDA E CORDA. Entenderam? Então CULAR PORDA é PULAR CORDA. Vamos fazer um X no PULAR CORDA.



Agora vamos olhar a segunda linha. Nós temos cinco desenhos: pisar na lama, bater carro, construir parede, dirigir carro, e lambuzar. Eu vou falar para vocês: CATER BARRO. Eu estou falando um desses desenhos, mas errado. Estou trocando os sons do começo. Que desenho vocês acham que é? Prestem atenção: CATER BARRO. Vocês acham que CATER BARRO é PISAR NA LAMA, trocando os sons? Não. CATER BARRO é BATER CARRO, trocando os sons? Sim! Prestem atenção nos sons: caer barro e bater carro. É parecido, não é? Eu troquei os sons do começo. CATER e BATER; e BARRO e CARRO. CATER BARRO é CONSTRUIR PAREDE, trocando os sons? Não. CATER BARRO é DIRIGIR CARRO, trocando os sons? Não. CATER BARRO é LAMBUZAR, trocando os sons? Não.



Entenderam?
Então CATER BARRO é BATER CARRO. Vamos fazer um X no BATER CARRO.
Agora eu não vou mais ajudar. Cada um vai escolher o que achar que está certo.

I) Trocadilhos

1

2

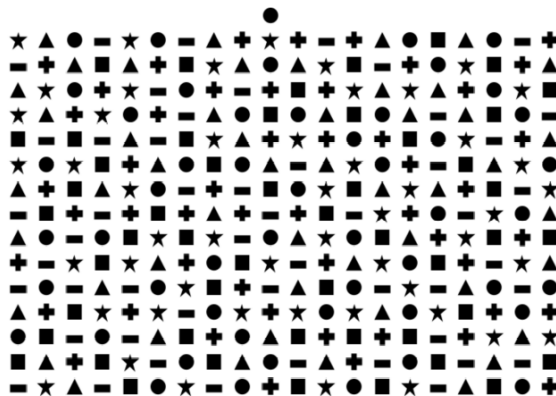
3

4

20

5

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.



Parte 3. Instruções

Esta é a terceira e última fase do teste. Veja o exemplo abaixo para executá-la.

Há uma figura no início de cada linha e uma sequência com várias figuras (quadrados, círculos, triângulos, retângulos, estrelas e cruzes).

Foram riscadas, em cada linha, as figuras que são iguais à primeira figura da linha.

Exemplo:



Na folha seguinte haverá outras linhas, sempre com uma figura inicial e uma sequência de figuras. Como no exemplo, procure e risque as figuras que forem iguais à primeira figura de cada linha.

Você terá um minuto para realizar a atividade. Faça o mais rápido que você puder.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Teste de Atenção por Cancelamento

Parte 3

Folha de Treino



Parte 2. Instruções

Nesta segunda fase, haverá duas figuras na parte superior da folha, como no exemplo abaixo.

Observe que, na sequência de figuras, foram riscados os pares que são iguais ao da parte superior.

Exemplo:

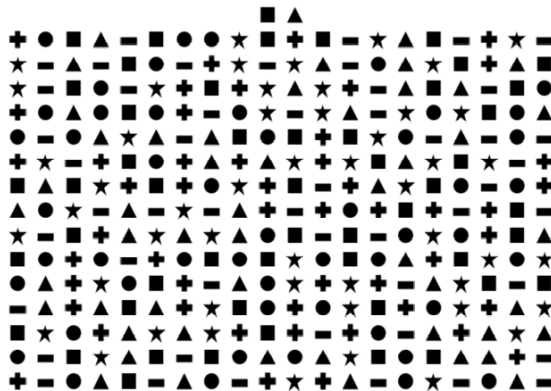


Na folha seguinte haverá outras duas figuras na parte superior e uma outra sequência na parte inferior. Como no exemplo, procure e risque os pares de figuras que forem iguais ao da parte superior.

Lembre-se de que você deverá riscar somente os pares exatamente iguais ao modelo, ou seja, que estiverem na mesma ordem.

Você também terá um minuto para realizar a atividade. Faça o mais rápido que você puder.

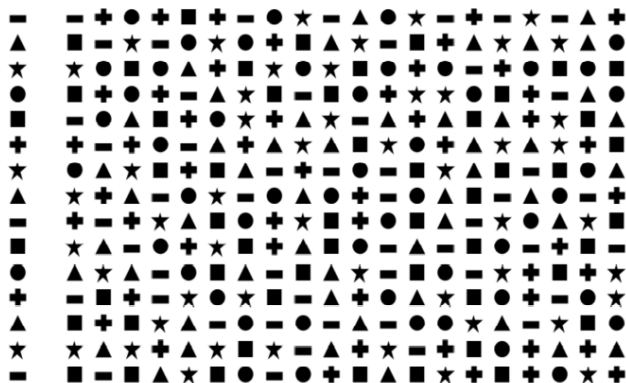
A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.



Teste de Atenção por Cancelamento

Parte 3

Folha de Treino



Anexo VIII .Prova de Escrita Sob Ditado

Prova de ESCRITA sob Ditado (versão reduzida)

(Seabra e Capovilla)

+	1	Duas	Empada	Jlla
	2	aprender	mostra	Cipano
	3	também	chupeta	Inha
	4	gostava	Órgão	Calafra
	5	casa	florido	Damném
	6	Pássaro	ouça	Panduco
	7	folhas	gemido	Vesta
	8	palavra	boxe	Coeta
	9	carro	marreca	Ezal
	10	conjunto	vejam	Tarrega
	11	texto	olhava	Pejam
	12	criança	marca	frienca

Anexo IX. Prova de Aritmética

Prova de Aritmética

- Caderno de Aplicação -

Alessandra Gotuzo Seabra

José Maria Montiel

Fernando César Capovilla

Descrição, instruções (contendo Crivo do aplicador), evidências de validade e fidedignidade e dados normativos em:

Seabra, A. G.; Montiel, J. M.; Capovilla, F.C. (2013). Prova de Aritmética. Em: A. G. Seabra, N. M. Dias, & F. C Capovilla (Org.). *Avaliação neuropsicológica cognitiva: leitura, escrita e aritmética*. Vol. 3. (pp. 98-104). São Paulo: Memnon.

Dias, M. N.; Seabra, A. G. (2013). Evidências de validade e fidedignidade da Prova de Aritmética. Em: A. G. Seabra, N. M. Dias, & F. C Capovilla (Org.). *Avaliação neuropsicológica cognitiva: leitura, escrita e aritmética*. Vol. 3. (pp. 86-92). São Paulo: Memnon.

Dias, N. M.; Trevisan, B. T.; Medeiros, N. A.; & Seabra, A. G. (2013). Dados normativos da Prova de Aritmética. Em: A. G. Seabra, N. M. Dias, & F. C Capovilla (Org.). *Avaliação neuropsicológica cognitiva: leitura, escrita e aritmética*. Vol. 3. (pp. 93-97). São Paulo: Memnon.

Para eficácia ótima da aplicação deste teste, imprima este Caderno de Aplicação da Prova de Aritmética em papel tamanho carta (21,59 cm x 27,94 cm).

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

Nome: _____ Série: _____

1a) Você verá alguns números. Escreva os nomes deles.

8 _____

37 _____

69 _____

152 _____

7.048 _____

1b) Escreva os números que você vai ouvir.

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

2a) Escreva os números, a partir do número 50, em ordem crescente, de dois em dois números. A sequência já está começada, você deve continuar:

50 - 52 - _____ - _____ - _____ - _____ - _____

2b) Escreva os números, a partir do 30, em ordem decrescente, de três em três números. A sequência já está começada, você deve continuar:

30 - 27 - _____ - _____ - _____ - _____ - _____

3) Observe os números abaixo e circule, em cada par, qual é o maior.

8 _____ 2

69 _____ 97

731 _____ 602

136 _____ 100

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

4) Nesta página há algumas contas. Você deve resolver as que você souber.

$$\begin{array}{r} 3 \\ + 5 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 7 \\ + 4 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 28 \\ + 60 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 39 \\ + 46 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 9 \\ - 4 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 12 \\ - 7 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 36 \\ - 25 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 58 \\ - 29 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 4 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 30 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 46 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 26 \\ \times 14 \\ \hline \end{array}$$

$$9 \overline{) 3}$$

$$48 \overline{) 4}$$

$$42 \overline{) 3}$$

$$90 \overline{) 15}$$

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

5) Você vai ouvir algumas contas. Eu vou falar e você deverá resolver, escrevendo a conta neste papel.

1) 2) 3) 4)

5) 6) 7) 8)

9) 10) 11) 12)

13) 14) 15) 16)

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

6) Agora serão apresentados quatro problemas por escrito. Você deve lê-los e solucioná-los, escrevendo a resposta correta.

1) João tinha quatro maçãs e ganhou mais oito. Com quantas maçãs João ficou?

2) Maria tinha treze livros mas perdeu dois. Com quantos livros Maria ficou?

A EQUOTERAPIA NA ESCOLA: O Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem como oficina inclusiva na escola de tempo integral.

3) Na classe existem trinta alunos. Cada aluno tem dois cadernos. Quantos cadernos existem na classe?

4) A professora tinha vinte lápis. Ela dividiu os lápis entre os cinco alunos da sala. Quantos lápis cada aluno ganhou?